O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XXXVIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 7 DE DEZEMBRO DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:851

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A QUEM TOCA.—LIBERDADE DE IMPRENSA.—NOTICIARIO.—POR FÓRA.—PALAVRAS DE JUSTIÇA.—REVISTA MILITAR.—CARTA DE LISBOA.—CARTA DE FOZCOA.—SECÇÃO AGRICOLA.—SECÇÃO LITTERARIA.—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM: A DAMA DAS CAMELIAS.—CORREIO DE LISBOA.

AVEIRO

A QUEM TOCA

Ha quem não queira o cumprimento da lei, com o fundamento da—brandura dos nossos costumes. Erro de optica, que não aproveita, porque se oppõe aos direitos da sociedade politica. Allega-se que só em França existe a verdadeira liberdade, e que a perseguição ao boulangismo foi uma necessidade, não porque os tramas do general inspirassem receio á republica, mas porque era preciso acabar com o fetchismo, que faria d'elle um heroe. Parece que por amor da arte foi melhor transformal-o em martyr! Não o quizeram engrandecido pela lenda, que poz ao seu serviço homens importantes como Naquet e Rochefort; mas com a guerra que lhe fizeram, deram-lhe umas proporções superiores ao seu valor moral e intellectual. Eis o resultado da perseguição, que os proprios republicanos portuguezes consideram como desnecessaria á manutenção da ordem em França.

Nós tambem não queremos que se persiga por motivos politicos. Temol-o dito sem ambages, cada um seja politicamente o que quizer ser. N'esta apreciação é que consiste a verdadeira liberdade. Republicano ou monarchico, reaccionario ou liberal, teem todos a consagração do nosso respeito uma vez que não conspirem contra o existente. O que não admittimos, nem queremos é, que generaes, coroneis, capitães e subalternos concorram a reuniões onde se proclama contra a monarchia. Se são funccionarios do estado, civis ou militares, prestem auxilio ao governo constituido, que é essa a sua obrigação. Mas atacando-o por palavras ou por obras, declaram-se, *ipso facto*, fóra da lei. Não devem por tanto estranhar que se lhes apliquem as regras disciplinares, porque por muito menos, a França deu baixa de posto ao general Boulanger, processando-o e condemnando-o, sem embargo d'elle se dizer tambem republicano. Os *maires* conhecidos pelos seus sentimentos monarchicos, ou pelas suas affeições ao boulangismo, foram exonerados, o que mostra que em França a republica é menos tolerante, do que em Portugal a monarchia. E se a perseguição politica lá alcansa os homens, embora elles não representem ideias, o que faria se algum partido devidamente organisado tivesse a velleidade de que enfermou o *brav'general!* O menos que o procurador da republica requeria era a deportação para a Cayena dos que fizessem sombra ao sr. Fizard e aos seus collegas! Santa liberdade aquella, que se invoca para fazer a propaganda em Portugal, mas que destoa da nossa monarchia, a quem attribuem intenções que nenhum facto auctorisa.

*

O *Imparcial* memora os successos de 1846 quando por meio do golpe de estado de 6 d'outubro annullou a camarilha os beneficos effeitos da revolução de maio d'esse mesmo anno. A acariação historica é, além de inopportuna, impertinente. Não se trata agora de golpes d'estado. Não calumniem os monarchicos el-rei, que ainda não praticou um unico acto por onde podesse inferir-se que elle é propenso a coarctar quaesquer franquias publicas. Que os sectarios da republica estejam receosos que as suas bravatas e demasias tenham semelhante desfecho, é isso natural á vista dos principios. Sabem que estão infringindo constantemente a constituição. Não desconhecem que para os conter dentro dos limites do justo e do honesto basta o cumprimento das leis. Mas como é isso o que lhes não convém, não se cansam de repetir que no paço de Belem se trama contra a existencia dos clubs republicanos!... E com quanto nenhum indicio appareça que léve áquellas conclusões, diz-se isto na imprensa, o que chega a ser inaudito desaforo.

Pois ninguem se importa com os taes clubs. O que porém é necessario, é que não sejam atacados os preceitos legaes. Quando a constituição for violada pelos poderes constituidos, o governo responsavel responderá por os seus actos, sem que a pessoa do rei seja discutida, porque é inviolavel, por que a sua responsabilidade é muito superior ás luctas dos partidos.

Entenda-o assim o *Imparcial* e não se esfalfe em dythirambos de ruim gosto. Pelo menos é essa a sua obrigação.

*

Não. A injuria que fere as intenções mais puras, não pode prevalecer ao prestigio dos principios. Se a republica pretende fazer proselitos com a diffamação, se para vencer precisa de cobrir de lama as instituições, nós bradaremos d'aqui—para traz, canalha! Quem tem a liberdade que se goza em Portugal, se o alistamento não póde fazer-se por os processos ordinarios da propaganda pacifica, não será a torpeza que recrutará as consciencias honestas.

A monarchia dá-nos a liberdade, que em França não existe. Basta que lá desconfiem de um individuo, ou lhe attribuam intenções que elle nunca teve, instaura-se-lhe logo um processo, que o declare fóra da lei. E se tiver amigos conhecidos, perseguem-nos, enxotando-os dos logares publicos que exercerem. Estes são os meios uzados pela republica, que se elogia, ao invocar-se a liberdade franceza como a unica que existe na Europa! Pobres pataratas!, que desconhecem o bem que gozam na patria, onde cada um faz o que quer, chegando até a calumniar as instituições, que lhes permittem o reprehensivel abuso de escrever!

*

A *Gazeta de Portugal* procura tambem discutir a seu modo o assumpto do dia, mas fal-o tão desastradamente, que causa lastima. E' pena que o jornal do chefio ande assim derrancado, espalhando a semente chôcha da má doctrina, em vez de evangelisar os preceitos salutares da escola liberal.

Não queremos, nem ninguem quer a imprensa amordaçada; o que é preciso é acabar com a licensa, que a tornou repositorio de immundicies. Limpem a instituição das maculas que a enervam. Para que ella seja um poder social é indispensavel morigeral-a. O desbragamento de linguagem exauctora os homens e os partidos. As ondas de lama levantam-se para esmagar todas as resistencias preparadas em nome da legalidade. E quando alguem, offendido na sua honra, pretende desagravar-se recorrendo para os tribunaes, vem assumir a responsabilidade individuos que mal sabem escrever o seu nome, e isto quando não surge pessoa, que nem sequer o pode escrever!

E tudo isto se sanava com uma disposição unica. Nenhum jornal, nenhuma publicação poderia fazer-se sem que houvesse um redactor principal que fosse ao mesmo tempo responsavel por todos os artigos, noticias, correspondencias ou communicados que se imprimissem na mesma folha. Isto bastaria para conter os libellistas, sem que tal disposição podesse ser contrariada pelas publicações anonymas. Porque o que tem dado força á diffamação, e por tanto concorrido para a perversão dos costumes, tem sido a irresponsabilidade dos Morands contemporaneos, que não trepidam em calumniar tudo e todos, atacando o pudor das familias.

Creia a *Gazeta* que não chega para tanto a brandura dos nossos costumes. Se em regra ha muita indulgencia para tolerar o escandalo, no fundo a indifferença que tal permitte vae estragando o paladar do publico, e d'ahi resulta o descorçoamento partidario, a monomania dos arranjos, e subsequentemente o enfraquecimento das instituições representativas. E contra este mal é que todos devemos trabalhar, para que elle se não alastre, causando perturbações que podem ser funestas á ordem e á liberdade.

LIBERDADE DE IMPRENSA

Plenamente d'accordo com as ideias do nosso collega das *Novidades* sobre a necessidade da repressão da licença que por ahi vae, publicamos o artigo do seu ultimo n.º sobre o assumpto. E' o seguinte:

E' espantoso como a oppressão de idéas preconcebidas produz nos mais lucidos espiritos confusões lamentaveis. Egualmente causa espanto, como os publicistas mais illustrados argumentam com um desconhecimento absoluto das leis, arvorando em boa doutrina, juridica e politica, o que é só ignorancia d'ellas. Pois acaso a lei de *liberdade* de imprensa proclama a sua *impunidade?* A imprensa deixará, por acaso, de ser menos *livre*, só porque é *responsavel?!*

Esta é que é a questão, e não outra. Nós não nos queixamos da *brandura das leis*, posto que muitas d'ellas careçam de ser modificadas, por incoherentes ou inefficazes; nós queixamo-nos da *brandura dos costumes*, que faz com que as leis se não appliquem.

A nossa formula, que muitas vezes temos expressado a respeito do regimen da imprensa, é esta: *a maxima liberdade com a maxima responsabilidade.* Mas estamos dispostos a todas as concessões! Ficaremos n'esta: *a maxima liberdade com alguma responsabilidade.* E' isto doutrina subversiva?! Em que offende os immortaes principios?!

Não sustentamos doutrinas de obnoxia violencia: não offendemos as tradições do partido progressista. *N'este ponto*, os coherentes somos nós. Os contradictorios, são os progressistas, que nos combatem, os que pregam a liberdade absoluta, os que se oppõem a qualquer repressão. Provemos.

Por occasião do casamento do principe real, hoje el-rei D. Carlos, foi publicado um decreto de amnistia para certas cathegorias de delictos e crimes. Em officio de 10 de junho de 1886, o actual sr. ministro da justiça explicou os fundamentos d'esse decreto, e indicou quaes os propositos do governo a respeito do futuro. Era vida nova, que o governo proclamava para d'alli em diante poder ser *severo com todos os abusos.* Assim o diz o officio. Queiram os nossos antagonistas, e especialmente o nosso collega do *Dia*, lêr os periodos, que seguem:

«Finalmente, é concedida amnistia para os crimos de abuso de liberdade de imprensa, em que sómente seja parte o ministerio publico

A legislação reguladora da imprensa, se quanto á liberdade do que esta gosa, pouco pode carecer de reforma, deixa, comtudo, a desejar, quanto á responsabilidade a impor aos que d'aquella abusarem. E, como não ha comprehender justo exercicio de liberdade sem a correspondente e proporcional responsabilidade, acontece que, entre nós, a imprensa não raro se excede, substituindo o conselho avisado pelo apódo affrontoso, e a discussão serena pela invectiva atrabiliaria. Comprehende-se que em circumstancias anormaes correspondam, aos excessos do poder, as aggressões da imprensa. Fóra, porém, d'esses casos, quando as instituições funccionam regularmente, os cidadãos se acham no goso completo de todos os seus direitos, e os partidos podem lutar nos termos e para os fins constitucionaes, *os abusos da imprensa são verdadeiros crimes de lesa liberdade.* Aos governos, pois, se por um lado incumbe manter pleno, livre, e desassombrado, o direito da imprensa a discutir os actos publicos, e, por isso, a esclarecer a opinião, corre-lhes, por outro, o dever de, em nome d'essa mesma liberdade, *reprimir os abusos, que a offendem e violam, procurando, quanto lhes for dado, fazer recair a pena sobre o verdadeiro delinquente.*

Sem investigar quaes as condicções em que quaesquer abusos de liberdade de imprensa se hajam praticado, o governo persuadiu-se que, concorrendo, para em memoria d'um acontecimento solemnissimo, se esquecerem esses aggravos, e, *insistindo no proposito de reprimir, de futuro, quaesquer abusos*, cooperará, para que uma melhor comprehensão dos deveres, a que a imprensa está adstricta, *porá ponto em taes excessos.*

Não é porém, só os abusos que as discussões politicas podem originar que cumpre reprimir. Outro ponto, e não menos grave, se impõe hoje á consideração do governo. Os ultrages á moral publica, por meio de publicações, repetem-se com manifesto escandalo da opinião. Faz-se da immoralidade commercio, o reclame da obscenidade. A consciencia publica protesta contra tal e tanta degradação, e *os poderes publicos não devem abdicar de seus direitos a pôr um dique a essa torrente, que conspurca e avilta.* Incumbe-lhes, pois, sem de modo algum se tornarem censores ou criticos, intervir, todas as vezes, que a moral for, por tal forma, publicamente ultrajada, e exigir, a quem competir, a responsabilidade por taes attentados.

Taes foram, sr. conselheiro procurador geral da corôa e fazenda, os fundamentos que determinaram o governo a propor a amnistia, a commutação e o perdão de penas, como foram concedidas, e, taes são, as instrucções, que, com respeito aos assumptos referidos, entende dever serem dadas aos agentes do ministerio publico, *para, de futuro, promoverem como lhes incumbe, e procederem, dentro dos termos legaes, nos actos que houverem de praticar.* O governo cumpriu um dever de tolerancia solicitando a clemencia regia; *resta-lhe hoje cumprir um outro: procurar pôr cobro a todos os abusos.* Manifestando, mais uma vez, e, por esta fórma o seu proposito, *recommenda, muito particularmente, a todos os representantes do ministerio publico que, sem hesitações nem demoras, mas com a prudencia devida, promovam, dentro dos termos legaes, para que a repressão siga immediatamente o crime.* E, para assim procederem, quando lhes não basta a consciencia dos seus deveres, será sufficiente a presente, generica, communicação dos intuitos do governo, *sem esperarem, ou solicitarem, instrucções especiaes, com respeito a determinados processos.* Esta pratica, além de contraria á liberdade de acção de que deve gosar o agente do ministerio publico, da confiança do governo, póde concorrer para desvirtuar, pela intervenção directa e especial do ministro, processos a que, apesar de serem apenas o emprego de formulas legaes, se queira dar o caracter de actos politicos.

O governo confia em que v. ex.ª empregará, por si e por todos os representantes do ministerio publico, com o zelo habitual. os meios necessarios, para que todos cooperem no proposito que deixo exposto, e que não é mais do que o tornar simples, prompto, e indefectivel, o cumprimento das leis.

Secretaria de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça, em 19 de junho de 1886.—Ill.mo e ex.mo sr. conselheiro procurador geral da corôa e fazenda.—*Francisco Antonio da Veiga Beirão.*»

Parece um artigo das *Novidades* de hoje! Vejam como nós offendemos os immortaes principios e as mais puras e auctorisadas tradições do partido progressista! Mas os que applaudiram este officio, ou que o não combateram, como é que hoje nos combatem, a nós que apenas sustentamos as mesmas, as mesmissimas reivindicações da moralidade e da legalidade contra os abusos e os enxovalhos vilipendiosos?!

O officio do sr. ministro da justiça é de 1886. Tem tres annos e meio. Que cumprimento teve?! Nenhum. Foi votado ao mais absoluto desprezo, por quem devia executar as instrucções, que elle continha, e por quem devia vigiar pela execução d'ellas!

E' d'isto que nos queixamos. O *Diario do Governo* deixou de ser a folha official, onde se publicam as leis e os decretos do governo, para ser um barril de lixo, onde caem os papeis sem valor.

Dizem: para defender as instituições basta fazer cumprir as leis. E a primeira coisa, que se exige, em nome dos immortaes principios, é que se não cumpram as leis, que punem os abusos da liberdade de imprensa.

Dizem que a melhor defeza da corôa é governar bem, esquecendo que segundo os immortaes principios ella não pode governar. Impatam-lhe a responsabilidade, que a carta lhe nega. E ao mesmo tempo, proclamam a irresponsabilidade para a imprensa, que o mesmo é que pol-a a coberto de qualquer repressão!

Aconselham a que governe bem, porque assim tudo irá bem. E o governar bem é pôr no *Diario* os immortaes principios, e na pratica fazer-se exactamente o contrario, sempre em nome dos immortaes principios!

E ha escriptores afamados, publicistas illustres, estadistas egregios, que fazem um compendio doutrinario d'esta immensa relação, e que a offerecem ao publico respeitavel como a mais perfumada e crystalina das banhas de cheiro!

NOTICIARIO

PEDIDO INSTANTE.—Aos srs. assignantes em divida pedimos a especial fineza de mandarem satisfazer a importancia de seus debitos até o dia 12 de dezembro sem falta. E' fineza que muito nos penhorará e a que saberemos ser reconhecidos.

Caminho de ferro do Valle do Vouga.—Está proxima a organisação, em Londres, da companhia para a construcção e exploração d'aquelle caminho de ferro, nos termos da concessão feita pelo governo ao sr. Palha ou á companhia por elle organisada. Logo que a companhia se constitua definitivamente, começarão os trabalhos de construcção ao mesmo tempo pelos dois extremos ao norte e ao sul. Em breve, pois, teremos em via de realisação este importantissimo melhoramento para este districto e cidade d'Aveiro, e que se deve á poderosa iniciativa e perseverança do digno deputado por Ovar, o nosso estimado collega, sr. dr. Barbosa de Magalhães.

Melhoras.—Está melhor e livre de perigo o nosso muito presado amigo o sr. Luiz Nunes Freire, que na terça-feira proxima foi atropellado e ferido por um carro dos seus bois.

Felizmente que o nosso honrado amigo está em via de restabelecimento—graças a Deus e ao prompto e apropriado tratamento que recebeu do seu facultativo.

As capellas.—A junta de parochia da Vera-Cruz d'esta cidade, com a louvavel solicitude e zelo do seu digno presidente o reverendo parocho, o nosso presado amigo, o sr. Manuel Ferreira Pinto de Sousa, tem andado a reparar convenientemente as diversas capellas da freguezia, em que se veneravam devotamente varias imagens. Presentemente procede-se á reforma da capella mais antiga d'Aveiro, a da Senhora da Alegria, sita no bairro de Sá, que é um monumento historico, e que estava em lamentoso estado.

A fanfarra.—Como dissemos já ámanhã vae a fanfarra dos alumnos da secção—*Barbosa de Magalhães*—do azylo-escola districtal tocar á missa das 11 horas na egreja da Misericordia e em seguida vae tambem executar o seu novo e escolhido reportorio no corêto do jardim de Santo Antonio, a cuja diversão não deve faltar concorrencia.

Donativo á Misericordia.—A fallecida D. Rosalia Augusta d'Oliveira contemplou no seu testamento a Santa Casa da Misericordia d'esta cidade com o valioso donativo de 400$000 réis. Filha d'Aveiro, e dotada de nobres sentimentos, não se esqueceu da sua patria, deixando o seu nome memoravel por um legado tão sympathico.

Melhoramentos municipaes.—Tem-se andado a macdamisar a travessa da rua do Visconde de S. Januario, assim como tambem a rua da Corredoura. Procede-se agora á abertura d'um cano geral de esgoto na rua de traz da Cadeia, e vae proseguindo o aterro do Cojo.

Quartel em Ovar.—Vão começar em breve as obras da construcção do quartel n'aquella villa, para alojamento do corpo d'infanteria 2.

Sardinha.—Tem apparecido no nosso mercado alguma sardinha fresca, trazida por lanchas poveiras, que teem entrado a barra.

A' noite.—Tem feito umas noites soberbas, como época nenhuma eguala. O luar de hontem foi o mais formoso que temos visto. Céu d'um azul clarissimo, sem uma nuvem, sem uma mancha, coberto de estrellas, cheio de fulgurações esplendidas. Se não fosse o frio e, sobre tudo, o vento, as primeiras noites de dezembro [illegible] riam as melhores d'agosto.

O frio.—Continua a reinar, e hontem de manhã soprou rijamente N. N. E.—um *barbeirinho* de levar couro e cabello.

Morta de frio.—No dia 4 do corrente pelas 8 horas da manhã foi encontrado dentro de um palheiro do logar de Mamodeiro, freguezia de Requeixo, d'este concelho, o cadaver de uma infeliz mendiga, bem conhecida n'esta cidade, onde esmolava, e que dava pela alcunha de—*Verdegaia*—rachitica e atoleiomada. Presume-se, que morreu em consequencia do muito frio! O digno parocho d'aquella freguezia logo que teve conhecimento do facto, fez conduzir o cadaver para a egreja, e depois das cerimonias do estylo, foi o corpo para o cemiterio conduzido por duas irmandades.

Incendio.—A antiga casa da mala-posta de Serem foi incendiada n'uma das noites proximas, suppondo-se que foi algum pobre dos que alli pernoutaram que commetteu o delicto.

Nova fabrica.—Na Marinha Grande vae abrir-se uma nova fabrica de vidros, que se propõe concorrer com o antigo e muito acreditado estabelecimento que alli ha. Vae alli estabelecer-se tambem uma fabrica de tijolos refractarios, e cresce por tudo isso n'aquella importante povoação o movimento industrial.

Navio arribado com doença a bordo.—No sabbado arribou ao porto de Lagos a barca *Fortuna* que em 2 de outubro sahiu de Mabile com destino ao Porto. Constando que a bordo hayiam morrido tres pessoas e que o capitão estava gravemente doente, a auctoridade de Lagos prohibiu-lhe a communicação com a terra. Parece que ha grande miseria a bordo. O proprietario da barca mandou o *Conductor* ao Algarve para que ella seja rebocada.

Dir um telegramma de Sagres chegado agora que o vapor *Conductor* fica á vista, rebocando para o norte a barca portugueza *Fortuna*, propriedade do sr. J. A. Andressen, que se achava em Lagos com a tripulação doente.

A dynamite em acção—Na Covilhã tentaram novamente contra a vida da viuva do sr. Barbosa, ex-escrivão de fazenda. Lançaram pela terceira vez contra a casa que ella habita, uma bomba de dynamite, que felizmente não produziu senão estragos materiaes. Não se sabe quem seja o auctor d'esta proeza, e a auctoridade não procede a averiguações—dizem d'alli, e se assim é, mal faz.

Noticias da Covilhã.—Em 3.—O jantar de hontem em casa do sr. commendador Marcellino José Ventura esteve esplendido e deslumbrante. Os brindes foram animadissimos, enthusiasticos. O illustre deputado d'este circulo foi victoriado e saudado com um enthusiasmo que tocou o delirio e foi proclamado deputado e benemerito da Covilhã. Assistiram ao jantar o centro politico que elegeu o deputado, a direcção da Associação do commercio e industria d'esta cidade, dr. Valerio, como representante da imprensa covilhanense, e muitos cavalheiros, entre os quaes o dr. Monteiro, dr. Pina Callado, dr. Albino Calheiros, dr. Falcão, dr. José Mendes Alçada, dr. Agostinho Viegas, dr. Megre, Alfredo Baptista Mirabeau, José Calheiros, João Mendes Alçada, commendador José Antonio Nunes de Sousa, Antonio Henriques da Cruz, José Rogeiro, Antonio Baptista Alves Leitão, Sebastião Ratto, Mattos, e muitos outros. O jantar principiou ás 6 e meia da tarde e terminou ás 10 e meia da noite, abraçando-se uns aos outros, ao levantar da mesa, todos os convivas, com a mais cordeal fraternidade, e abraçando todos o seu illustre deputado. Foram notabillissimos, verdadeiramente eloquentes os brindes levantados pelo digno deputado por este circulo, e sempre ruidosamente applaudidos. Tambem foram levantados outros brindes, entusiasticos, pelos srs. dr. José Mendes Alçada, dr. Falcão, dr. Monteiro, commendador Marcellino, dr. Pina Callado, João Mendes Alçada, delegado Alfredo Baptista, Mirabeau, Malta, dr. Valerio e outros. Nunca presenciamos um acto d'esta ordem com tão vivo entusiasmo. São 12 da manhã. Depois de terminado um lauto almoço, o deputado vai visitar as fabricas de lanificios acompanhado de numerosissimos cavalheiros, dos maiores industriaes e proprietarios d'esta cidade.

Acaba de terminar a visita ás fabricas, que hontem estiveram fechadas em manifestação de regosijo. O digno deputado visitou demoradamente as fabricas dos srs. Campos Mello, Alçada & Mousaco, Roseira e outras, sendo recebido em todas pelos industriaes e operarios, que tributaram a sua ex.ª as mais affectuosas attenções. Os representantes da casa Campos Mello offereceram na sua fabrica ao illustre deputado e pessoas que o acompanhavam um primoroso *copo d'agua*, trocando-se brindes de muita amabilidade e sendo applaudidissimos o sr. dr. Manuel Nunes Geraldes, lente da Universidade, ao sr. Elvino de Brito e o d'este áquelle cavalheiro. Em seguida, o sr. conselheiro Elvino de Brito visitou o palacio da grande quinta do Refugio, pertencente ao abastado industrial e proprietario sr. commendador Marcellino José Ventura. A'manhã continúa a visitar as fabricas e outros estabelecimentos.

Em 4.—O jantar de hontem correu animadissimo. Houve brindes entusiasticos, entre elles os do illustre deputado, que mais uma vez affirmou os desejos de ser util á Covilhã; do dr. Costa, Mousaco e dr. Antonio Alçada, que brindaram ao sr. conselheiro Elvino de Brito, significando-lhe que esta terra laboriosa saberia ser sempre reconhecida a sua ex.ª. Todos estes brindes foram calorosamente correspondidos. Entre os convivas estavam o director e professores da escola industrial; o director brindou ao nobre deputado, em nome dos operarios e dos bombeiros voluntarios da Covilhã. Em seguida o sr. commendador Marcellino levantou um brinde ás casas industriaes Campos Mello, Mousaco e Alçada, como sendo as que mais têm contribuido para o progredimento da industria fabril n'esta cidade. Vivissimos applausos. Trocaram-se outros brindes, terminando o jantar em meio da maior cordialidade.

Hoje, antes de almoço, visitou sua ex.ª as fabricas do sr. commendador José Antonio Nunes de Souza, onde lhe foi offerecido um finissimo *copo de agua*. O sr. commendador brindou não só o illustre deputado progressista, mas o partido, a que sua familia tem sempre pertencido. O sr. conselheiro Elvino de Brito agradeceu, brindando pela prosperidade da fabrica. Visitou outras fabricas e em seguida a escola industrial, onde foi recebido por todo o professorado e alumnos. Depois do almoço, sua ex.ª irá visitar as fabricas da Ribeira do Goldra. Continuam as manifestações de simpatia da parte dos habitantes d'esta cidade para com o illustre deputado.

Terminou a visita do deputado ás principaes fabricas da Covilhã. N'uma d'ellas foi recebido pelo sr. Candido Calheiros, socio e representante da importante firma industrial de José Mendes Veiga, Almeida Campos, Charato, Sebastião Rato e sobrinhos, dispensando-lhe cada um as maiores provas de consideração. A' entrada do illustre deputado n'estas fabricas subiram ao ar centenares de foguetes. O sr. conselheiro Elvino de Brito mostrou-se satisfeito com o grande desenvolvimento da industria covilhanense. Vai principiar o jantar, para o que está convidada a *élite* da mocidade covilhanense. Sua ex.ª retira ámanhã ás 12 horas do dia, devendo levar gratissimas recordações do acolhimento entusiastico que lhe fez tão bizarramente o povo da Covilhã.

Terminou o jantar ás 10 horas da noite, reinando sempre grande entusiasmo e muita cordealidade entre todos os cavalheiros presentes. A *élite* da mocidade covilhanense levantou a primeira saude pela voz do simpatico moço Francisco Ranito, o qual foi ruidosamente correspondido, agradecendo-lhe o illustre deputado, que brindou pela mocidade da Covilhã, que continua as tradições de trabalho dos seus antepassados. Muitas outras saudações se fizeram, sobresaindo a do illustre vereador municipal sr. Jorge Malta aos srs. conselheiros Marianno de Carvalho, Eduardo Coelho e Elvino de Brito. Foram freneticamente applaudidos. O illustre deputado foi alvo das mais calorosas ovações sempre que fallou.

Noticias da Guarda.—Em 4.—Foi hoje lançada a primeira pedra para o monumento ao benemerito dr. Sobral. Assistiram ao acto todas as auctoridades militares, corporações e grande concurso de povo. N'um cofre de granito foram enterradas moedas de prata, ouro e cobre, do cunho de 1889, e o auto da inauguração do monumento, e em seguida leu uma brilhante allocução o sr. Emygdio da Silva, representante da sub-commissão em Lisboa. Terminou a ceremonia com um agradecimento proferido pelo sr. governador civil Oliveira Baptista, presidente da grande commissão.

Despachos de justiça—Verificaram-se os seguintes:

Bacharel José Carlos de Medeiros Machado, delegado do procurador regio na comarca da Villa da Praia da Victoria, transferido para a comarca de Mertola.

Bacharel José de Oliveira da Costa Gonçalves, nomeado delegado do procurador regio na comarca da Villa da Praia da Victoria.

Julio de Lemos Correia Leal, nomeado subdelegado do procurador regio na comarca de Benavente.

Bacharel Estevão Abilio de Oliveira, nomeado sub-delegado do procurador regio na 6.ª vara da comarca de Lisboa.

Bacharel Adelino Barbosa de Lemos, nomeado sub-delegado do procurador regio na comarca de Moura.

Bacharel Alvaro Maria de Fornellos, exonerado, como requereu, do logar de sub-delegado do procurador regio na comarca de Oliveira de Azemeis.

Bacharel Innocencio de Medeiros Moura, juiz municipal do julgado de Marvão na comarca de Portalegre, transferido, como requereu, para identico logar no julgado municipal de Portel, comarca de Reguengos de Monsaraz.

Bacharel José Pinto de Sousa e Mello, nomeado para servir por tres annos o lugar de juiz municipal do julgado de S. Pedro do Sul, na comarca de Vouzella.

Bacharel João Correia de Lacerda Lebrim e Vasconcellos, nomeado para servir por tres annos o cargo de primeiro substituto do juiz municipal do julgado de S. Pedro do Sul.

Bacharel Agostinho Rodrigues Ferreira da Nazareth, nomeado sub-delegado do procurador regio no julgado municipal de S. Pedro do Sul.

Jeronymo José de Guimarães, tabellião de notas no extincto julgado de Santa Cruz da Trapa, na comarca de Vouzella, nomeado escrivão do julgado municipal de S. Pedro do Sul.

Antonio Joaquim Dias da Costa, escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca de Aldeia Gallega do Ribatejo, transferido para o officio de escrivão do juizo de direito do segundo districto criminal da comarca do Porto.

Antonio Julio Pereira Montinho, escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca de Ourique, transferido para identico officio na comarca de Aldeia Gallega do Ribatejo.

Joaquim Augusto da Cunha, nomeado para o officio de escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca de Ourique.

Joaquim Alves Christovão, nomeado para o officio de tabellião de notas do supprimido julgado de Alcoentre, na comarca do Cartaxo.

Joaquim Ferreira Galhardo, exonerado, como requereu, do officio de escrivão do juizo de paz do districto de Penamacôr, na comarca de Idanha-a Nova.

Antonio Nunes Roldão e Prudencio Martins, nomeados arbitradores para a comarca de Pedrogão Grande.

Publicações.—Recebemos e agradecemos as seguintes:

— *Marrocos e Constantinopla*, de E. d'Amicis, com bellos desenhos de D. Ussi e C. Bisen, fasciculos n.os 52 e 53 da C. N. Editora.

— *Album de costumes portuguezes*, fasciculo n.° 39, *camponez da Extremadura*, texto de Fialho d'Almeida, primorosa publicação da Companhia Nacional Editora.

—*Instituições Christãs*, revista quinzenal religiosa, scientifica e litteraria, n.° 10 do 7.° anno. Assigna-se no Seminario Episcopal de Coimbra.

— *Historia do meu passado*, por Bernardino da Silva Gomes. E' um livro de 160 paginas, impresso na Typographia Operaria, de Coimbra, e com o retrato do auctor. Vamos ler para dizer depois.

— *A Moda Illustrada*. Distribuiu-se o n.° 268 d'este jornal, relativo ao 1.° de dezembro. Este conhecido, apreciado e util jornal de modas para senhoras e creanças apresenta no referido numero excellentes figurinos das ultimas novidades parisienses em vestuarios completos e varios adornos de vestuario, chapéos, bordados, etc., etc., recommendando-a ainda pela variedade e interesse das suas differentes secções litterarias, nas quaes além da chronica sobre modas, descripção de figurinos explicação de moldes, publica um bello romance illustrado, artigos de Gervasio Lobato, poesias de Pan-Tarantula, enigmas, passatempos, etc. Como é sabido cada numero da *Moda Illustrada* consta de doze paginas, oito das quaes completamente cheias de gravuras, uma folha de figurinos coloridos e outra de moldes, pelo preço de 200 réis.

Assigna-se e vende-se no escriptorio da administração da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, rua da Atalaya, 42.

— *A Estação*, excellente jornal illustrado de modas para as familias. Publicou-se o n.° 1.° de dezembro.

Summario: Correio da moda.

Gravuras: Costume com corpo justo—Vestido princeza com saia completada por um panno inteiriço—Franja de rede para ornamento de capas—Tapete para teclado bordado leve—Bordado leve de tapete para teciado—Capa com mangas á judaica para menina—Broloque de passamanaria—Capa comprida para menina—Tapete com bordado gobelins e aberto—Costume com corpo de pala para menina—Costume (calças, collete e jaqueta) para menino—Cintura com fivella corediça—Cercadura larga borbado gobelins e abertos para tapete—Paletot comprido—Capa com grandes mangas tufadas—Capa talar—Costume com tunica sobretudo—Visita com capuz—Visita para senhora de certa edade—Paletot comprido—Costume com charpa—Paletot justo—Pelliça-redonda—Costume com corpo curto para menina—Redingote ajustado—Paletot para [illegible]—Capa comprida com saia postiça—Capa com grandes mangas tufadas—Bonnet para menina—Banqueta ornada de bordado a matizes—Cadeira ornada de bordado—Bordado de flôres para cadeira—Bordado a matizes para banqueta—Galão bordado leve para cadeira—Costume com mangas de velludo—Camisinha e manguitos para usar com vestido de baile—Costume com corpo juaqueta—Visita com frentes em chale—Cercadura, bordado a ponto de haste e a ponto de alinhavo, etc., etc. Com figurino colorido e folha de moldes.

Vejam.—Sob a epigraphe—*alcoolismo*—diz o nosso collega *Algarvio* o seguinte:

«Um pobre artista d'esta villa endoideceu repentinamente, attribuindo-se esta enfermidade ao uso excessivo da aguardente. Ponham os olhos n'este exemplo, e vejam os estragos occasionados pelo abuso das bebidas alcoolicas.»

Conservação da madeira.—Os srs. Salvat e Humblot, de França, fizeram figurar na exposição de Paris um *anti-septico resinoso*, do qual tem o privilegio de invenção, para a conservação da madeira. Segundo dizem os inventores, este producto vegetal é um anti-septico mais efficaz que o sulphato de cobre, o chloreto de zinco e o creosote, os dois primeiros dissolvem-se com a humidade e tendem a sair da madeira; o ultimo é volatil, corrosivo, de uma dosagem algumas vezes difficil e de uma manipulação prejudicial á saude. O emprego do anti-septico resinoso constitue um verdadeiro embalsamamento de madeira, á qual assegura uma duração extrema sem que se seque. Esta substancia fal-a impermeavel, imputrescivel, indifferentes ás alternativas de seccura e de humidade. Tambem lhe conserva sua elasticidade natural e impede oxidação da ferrugem assim como a propagação de parasitas; seu olor é aromatico. A injecção das madeiras faz-se:

1.° Em vaso fechado, pelo vacuo e a pressão com os apparelhos usuaes.

2.° Por simples imersão, deixando que se empape a madeira de duas horas a setenta e duas e ainda mais tempo, segundo a esquadria, a dureza e o estado de seccura da madeira, segundo a temperatura, e, emfim, segundo o grau de saturação que se quer obter.

Empregando madeira secca e aquecendo o liquido a 100 graus approximadamente, a operação faz-se melhor e mais rapidamente. A quantidade de liquido necessario para as injecções de um metro cubico de madeira tenra é de 70 kilogrammas; para a do metro cubico de madeira dura de 15 a 20 kilogrammas. Se ao abrir a madeira, se observa que o liquido não entrou mais que no alburno, não ha razão para inquietações por esse facto, porque o oleo seguirá penetrando insensivelmente, e ao cabo de alguns mezes terá chegado ao coração da madeira. Pode tambem empregar-se este anti-septico, da mesma fórma que o alcatrão, para cobrir a superficie da madeira, dando duas demãos com o intervallo de vinte e quatro horas, é muito untuoso e penetra na madeira, preservando-a melhor que o alcatrão. O preço do anti-septico na estação de Mont-de-Marsan, de onde são os inventores, é de 24$300 reis por cada 1:000 kilogrammas.

Roma porto de mar.—Volta a discutir-se o projecto de fazer de Roma um porto de mar, abrindo-se para isso um canal que de Ostia irá até ás portas da bassilica de S. Paulo em Roma, canal que terá uma extensão de 20 kilometros e que exige seis annos de trabalhos e um capital de 20 milhões de liras, que offereceu uma companhia composta de varias companhias inglezas e americanas em troca de diversas concessões. A companhia entende que, construido o canal, Roma veria duplicada a sua população. que consta ao presente de 400:000 habitantes, o que, com o desenvolvimento que teria o commercio, asseguraria um interesse enorme aos accionistas da companhia.

POR FORA

E' das *Novidades* o seguinte artigo:

A firmeza do ministerio Tirard-Constans não salvou unicamente a existencia da republica, que a todos parecia gravemente compromettida, salvou-lhe tambem a honra. N'um interessante *interview*, que o *Figaro* publicou ha dias, com illustrações de phototypia, entre um dos seus redactores e o general Boulanger, confessava este, que o maior erro, que commettera, fora bater em brecha e deitar abaixo o ministerio Floquet, que era, no dizer do general, um *solemnel, un redoudant*. Era um homem da brandura dos costumes, segundo os immortaes principios! O grito *a bas les voleurs*, fóra os ladrões, repercutia-se d'um a outro extremo da França, envolvendo no mesmo lôdo e descredito todos os ministros da republica, os que o eram e os que o tinham sido, os que podiam vir a sêl-o, e produzindo nas fileiras republicanas um movimento de desanimo, de desconcerto, de humilhação e pavor diante d'essa feroz tyrannia da diffamação, que não poupava quem quer que n'ellas representasse serviços, talento, e esperanças. Pois esta enxurrada, que parecia uma torrente invencivel, parou, recuou. Bastou, para isso, como já dissemos, um pouco de bom senso e alguma energia. Não foi necessario cacête, apezar da violencia, que a lucta assumiu.

O sr. Floquet fôra um dos promotores da lei de liberdade de reunião, que é em França pouco mais ou menos como entre nós: absoluta. Mas lá não se consentem reuniões ao ar livre, e recinto aberto, como aqui muitas [illegible] se tem permittido, e como ainda se fez no *meeting* da Torrinha. Ora o que resultou d'essa liberdada absoluta?! O sr. Floquet, que foi um dos candidatos por Paris, teve de o reconhecer á sua propria custa. Essa liberdade absoluta converteu o direito de reunião n'um monopolio da canalha. Quiz fazer reuniões para apresentação do seu programma e defeza da sua candidatura, e não pôde. A muito custo, conseguiu reunir n'uma estreita sala alguns partidarios mais fieis, que foram admittidos com bilhetes de entrada, para com elles fazer um simulacro de apresentação publica da sua candidatura e programma. Se fosse a um *meeting*, nem conseguiria fazer-se ouvir, e sahiria de lá provavelmente com a cabeça partida! Os elementos revolucionarios mais exaltados tomariam conta do recinto e da assembléa; e, ainda que fossem em menor numero, a sua turbulencia e a audacia das suas invectivas estabeleceriam logo a confusão e a desordem.

Os monarchicos de differentes *nuances* são, em Lisboa, muito mais numerosos, que os republicanos e socialistas. Não póde isso soffrer duvidas Pois desafiamol-os a que façam um *meeting* publico, para tratarem de qualquer questão politica, que lhes interesse! Só o poderia fazer algum dos grupos, pedindo venia primeiramente aos republicanos e socialistas, e acceitando as condições, que elles quizessem impôr-lhes, ao que nenhum d'elles se sujeita. D'aqui resulta, que a liberdade absoluta de reunião, que é muito bonita em theoria, e que está na lei de 1870 quasi sem nenhumas restricções, é um direito, de que os elementos revolucionarios usam e abusam á sua vontade, mas do qual estão privados, *de facto*, os partidos monarchicos. E é por isso, que nós dissemos em um anterior artigo, que os factos são mais verdadeiramente immortaes do que os principios. O sr. Floquet, promotor d'uma lei analoga, reconheceu-o á sua custa, e teve a franqueza e lealdade de confessar, que se enganára. As liberdades, que só o são em principio, e não se traduzem em factos positivos de applicação real, e equitativa para todos, não são liberdades.

*

Com a liberdade de imprensa succede ainda peior, que com a liberdade de reunião. A imprensa, hoje, não é dominada pelos escriptores mais serios e illustrados, mas pelos mais desbocados e atrevidos. De qualquer canto surge uma folha de couve, onde escrevinhadores anonymos despejam toda a casta de immundicie, que elaboraram no espirito avinagrado. Dizem que a ferida do cão se cura com o pello do mesmo cão, e que é esta a regra, que deve applicar-se á imprensa. Erro profundo. Pode ser, que a regra fosse verdadeira n'outro regimen; mas a imprensa creou para si uma vida, e creou habitos no publico, que a tornam falsissima. Hoje lê-se rapido, e lê-se barato. O jornal de 10 réis vae a todas as mãos; e, por isso mesmo, o que elle diz é rapidamente assimilado, sem poder ser contraprovado e discutido. Quem é que tem tempo, ou disposições para isso?! A calumnia e o enxovalho, que se deitaram ao jornal em meia duzia de linhas, passaram para o espirito da maior parte dos leitores com a mesma facilidade. Por mais absurda e disparatada, que seja, adquiriu fóros de verdade, desde que outros jornaes a repitam e n'ella insistam durante alguns dias. E' a aria de D. Bazilio!

As garantias, que na lei se estabeleceram, para protecção aos calumniados, são perfeitamente irrisorias, principalmente sendo elles homens politicos e funccionarios publicos. Essas garantias, além de fracas e frageis, como a lei as fez, tornaram-se, não só nullas mas contraproducentes, pela interpretação e applicação, que teem tido da tal brandura dos costumes. Escusamo-nos a citar exemplos, que são numerosissimos. Ora acontece tambem que, d'este abuso do enxovalho e da linguagem desbocada, tem resultado um grande descredito para a imprensa. De accordo! Mas ahi está uma instituição que, pela tal brandura e liberdade, de que gosa, se converteu n'um instrumento de descredito para si propria e para os homens publicos. Semeia-o em partes iguaes! A tal brandura de costumes, e a liberdade absoluta segundo os immortaes principios, inutilisaram em grande parte os beneficios d'esta immensa força, cujo predominio está na mão de gente quasi irresponsavel. A opinião publica, que devia traduzir os julgamentos severos e rectos da justiça, e os dictames reflectidos do bom senso, é como aquella caixa sinistra da tyrannica Veneza, que recebia as delações, as calumnias, as suggestões infames de todos os que passavam, e que depois as despejava do seio do *conselho dos dez*, traduzidos em golpes na honra, na liberdade, ou na fortuna. Alguma coisa peior do que a estatua de Pasquino, porque essa tinha apenas satyra mordente!

Isto não é inoffensivo, não. Diz-se de um individuo: tem mau nome, está desacreditado, tem poucas sympathias. Porque?! Algumas vezes, tão só porque trabalhou muito, com intelligencia e dedicação, e porque se abeirou muito depressa da sala de espera, d'onde se passa para os mais qualificados cargos do estado. Pois não entra lá, esteja certo d'isso, e precisamente porque trabalhou e abriu caminho! Vedalhe a entrada a tyrannia da canalha colligada com a da inveja. E hade entrar outro, não pelo que realmente valha embora seja muito, muitissimo, mas por ter tido a fortuna de ter estado calado e muito quietinho sem dar accordo de si. Não entra pelas suas qualidades positivas; entra pelas que, no momento, valem como negativas! Pois não é isto de todos os dias?!

Ahi teem uma liberdade, que é a mais obnoxia de todas as tyrannias. E' ainda a lição dos factos a brigar com os immortaes principios!

Isto, que dizemos, não é por nós. Nem nos fecham o caminho ás ambições, nem nos molestam. Pertencemos ao grupo dos pouquissimos, a quem a natureza dotou com uma fibra especial; e temos atravessado tantas luctas, que ella está hoje enrijada como aço. O que dizemos não é por nós, que não precisamos de protecção, nem a pediriamos, ainda que a houvesse nas leis e nos costumes. E' pelos outros; é pela politica, é pelas instituições, é pela sociedade, que soffre com este lamentavel estado de coisas.

Em França vigora uma lei de 1881, sobre imprensa, mais apertada ainda assim que a nossa. O ministerio regenerador d'esse tempo quiz applical-a ao nosso paiz, e levantou-se tal alarido, que o não pôde conseguir. Teve de recuar na empreza, e fez mal! Pois essa lei de 1881 já não basta aos republicanos de ordem, aos republicanos que querem deffender a republica. E são jornalistas *dos mais eminentes*, como John Lemoinne, como Emmanuel Aréne, como Joseph Reinach, os que pedem a reformação urgente do regimen de licença, em que a imprensa franceza tambem cahiu. Na camara foi agora apresentado um projecto de lei n'esse sentido. D'elle diz Joseph Reinach na *Republique Française*, dirigindo-se ao bando dos jornaes da lama:

«Quando a lei de 1881 tiver passado, e ella está irremediavelmente condemnada qualquer que seja o projecto que se adopte, não lhes será mais permittido, a elles e aos seus congeneres, de arremessar impunemente lama sobre o governo da republica, sobre aquelles que servem o seu paiz com lealdade e com dedicação, sobre aquelles que se recusam a abater bandeiras diante das suas ameaças. A minha proposta tem por fim permittir ao governo da republica defender-se e reprimir os ultrages; mas, emquanto a mim, continuarei tranquillamente e sem o menor esforço, como no passado e no presente, simplesmente a desprezal-os.»

Se houver um governo em Portugal, que se resolva tambem a esta obra de sanidade politica, applaudil-o-hemos com todas as nossas forças! A republica é quem dá os bons exemplos! E isso sem embargo de continuarmos tambem, então como hoje, na tranquilidade d'um absoluto desprezo pela lama que nos deitem á porta.

PALAVRAS DE JUSTIÇA

Estamos tendo o apoio da imprensa franceza. O nosso illustre collega do *Commercio de Portugal* traduziu e publicou o seguinte artigo do periodico *La Geógraphie*, em que somos calorosamente defendidos pelo sr. Charles Bayle;

«Portugal, actualmente um dos mais pequenos estados da Europa, depois de haver sido um dos mais poderosos, não deixa por isso de ser um dos mais intelligentes e dos mais válidos, se não se conservou um dos mais fortes. Não ignora que a posse das colonias, sua manutenção e colonisação, se impõem a um povo maritimo que tem cuidado na sua existencia e no seu futuro, e como lhe restam ainda bellas possessões, empenha-se em conserval-as o melhor que póde e sabe tomar as medidas ou fazer os sacrificios necessarios, quando são precisos, para salvaguardar ousadamente todos os seus interesses e manter patrioticamente todos os seus direitos.

Os seus visinhos, os hespanhoes, mostraram-lhe nobremente como se impedia uma potencia de primeira ordem de se apoderar das colonias d'outrem; não fará menos do que elles e não consentirá que os appetites britannicos se satisfaçam a expensas suas.

A sua intenção, bem firme, não é de modo algum deixar a Inglaterra apoderar-se dos seus bens na Africa austral, e, se não tinha ainda julgado a proposito collocar postos militares, estações, administradores nas regiões centraes do seu vasto imperio transcontinental africano, que nunca por ninguem lhe foi contestado até hoje, se não havia organisado ainda senão duas zonas maritimas a leste e a oeste, é porque não tinha reconhecido mais cedo a imperiosa necessidade de fazer mais.

Mas desde que a Inglaterra, sob a capa d'um nome de emprestimo intitulado *British South African Company*, penetrou, deslealmente, no coração dos territorios portuguezes, tentou desviar diversas tribus da obediencia a Portugal e de lhes fazer substituir as bandeiras portuguezas por bandeiras inglezas; desde que um tal consul britannico, bem recebido pelas auctoridades portuguezas, e que não podia viajar no paiz sem um salvo conducto do governador geral portuguez e sem recommendações officiaes de todos os agentes ou delegados portuguezes, arvorou pavilhões inglezes até nos pontos em que Serpa Pinto, que certamente sabe o que é geographia, e que, sabendo-se, com justo titulo, em terra portugueza, fazia estudos de traçado de caminho de ferro; Portugal, conhecendo as intenções, abertamente hostis, dos invasores inglezes, collocou-se immediatamente em estado de legitima defeza; mandou arvorar as bandeiras que é prudente multiplicar quando os inglezes se approximam de paizes que se querem guardar.

Victor Cordon, Paiva d'Andrada, Serpa Pinto até, pozeram-se a caminho para recolher novamente, por toda a parte, as provas irrecusaveis da influencia portugueza n'aquellas regiões. Por outro lado, pequenos reis e poderosos chefes vão espontaneamente procurar as auctoridades portuguezas, assignar ou renovar actos de vassalagem e submissão, e, em summa, os resultados obtidos em alguns mezes pelos portuguezes, sem o emprego da força, sem a menor violencia, são verdadeiramente magnificos e surprehendestes.

Póde imaginar-se facilmente o desnorteamente dos inglezes, habituados a todas as audacias, vendo que lhes era negado o direito de atravessar, pela fraude ou pela força, os territorios portuguezes da Africa austral e vendo-se obrigados a marcar passo e a meditar antes de passar além e de se arriscarem a... derrota certa.

Não voltam! Assim, viram já este Portugal (telegrapham elles á imprensa europêa) «concluir com chefes indigenas do Alto Zambeze, contractos relativos ao direito de propriedade dos paizes que, até aqui (desde quando? por quem?) eram *considerados* como pertencentes á *British South African Company!* Içar por toda a parte o pavilhão portuguez!» Pôr por toda a parte obstaculos aos inglezes! Realmente, é para derramar uma torrente de lagrimas sobre os infortunios da *British South African Company;* tinhamos ouvido dizer que a Inglaterra *considerava*, effectivamente, como propriedade sua tudo quanto desejava, mas os nossos modestos conhecimentos geographicos não chegavam ainda até *considerar* as possessões africanas de um Estado europeu como devendo pertencer ao primeiro bando de piratas que chegasse, quer se decorasse com o nome de *British South African Company* ou com outro qualquer.

Sobre o assumpto, é muito natural que Portugal tenha opinião similhante; o contrario deixar-nos-ia estupefactos. Applaudimos com toda a nossa sympathia a attitude energica, o bom senso e o patriotismo d'este varonil irmão latino, o povo portuguez. Não tem mais que continuar, sem fraquejar, o que está tão bem começado. E' com grande prazer que vimos pelo texto dos decretos publicados na folha official a resolução tomada por Portugal de luctar contra essa *British South African Company*, que cobiça, em proveito do **imperio africano inglez**, alguns dos seus mais importantes territorios.

(Segue-se a traducção do decreto no *Diario do Governo* de 9 de novembro proximo passado.)

Os decretos são evidentemente a consequencia politica de interessantes telegrammas recebidos em Lisboa do capitão Cordon, que dirige uma expedição portugueza na Zambezia. Segundo os telegrammas de que se trata, este explorador, partindo do Zumbo, penetrou em Mashonaland, tomando pelo sul, o valle de Panhamé até ao valle dos rios Umfili e Sanhata. Todos os chefes d'esta região, entre os quaes Chipuzira e Manianga, chefe do alto de Panhamé; Dureira, chefe do Alto Humfuli; Inhamaconde, chefe de Maghunda e dos territorios situados até ao gráo 18 de latitude, e finalmente Choto, chefe do territorio comprehendido entre os rios Umfuli e Sanhata, antes do seu confluente, se submetteram ao capitão Cordon e arvoraram a bandeira portugueza. Sobre o caminho do Zumbo a Umfuli, a expedição encontrou diversas ruinas de antigas fortificações portuguezas e os vestigios de antigas pesquizas feitas pelos portuguezes nas regiões mineiras. Por toda a parte foi bem recebida pelos indigenas.

Nunca, como se vê, Portugal desenvolveu maior actividade para manter e assegurar os seus direitos e a sua influencia em Africa. Fez bem em se defender sem se perturbar com a grandeza do perigo, que está ao nordeste como está ao sul das suas possessões, e quanto á França, que não póde esquecer que tem de longa data na Africa, no que lhe respeita, uma situação privilegiada sobre a qual póde e deve apoiar-se para se oppôr a todos os embaraços da parte dos seus visinhos, é, naturalmente, em materia de quaesquer partilhas do continente africano, alliada natural de Portugal; e, como não poderia, sem mentir ao seu passado, abdicar o papel que lhe reserva o futuro, temos confiança que os nossos representantes na conferencia de Bruxellas, sabendo inspirar-se exclusivamente nos verdadeiros interesses e na honra da França, darão a prova á Europa levantando em caso de necessidade a voz em favor dos direitos das pequenas potencias, se forem desattendidas quando nos julgamos sempre honrados em respeital-os e defendel-os, impedindo assim qualquer sancção da Europa civilisada aos sentimentos dos mais fortes, á espoliação inqualificavel dos mais fracos.»

REVISTA MILITAR

AINDA UMA CAUSA DE PRONUNCIAMENTO DO EXERCITO BRAZILEIRO—ORDENAÇÕES PORTUGUEZAS

Sem querermos desculpar o pronunciamento do exercito brazileiro, porque o pronunciamento é sempre um reflexo triste de indisciplina social e militar, e uma causa perturbadora; algumas razões ha, no entanto, que attenuam a gravidade d'esse mal.

Entre um grande numero de officiaes do exercito brazileiro, exercito em extremo defficiente, mal organisado e pouco disciplinado, para o que muito ha concorrido a politica da nação e a falta de homogeneidade dos seus principaes componentes, muitos ha, em verdade, que são distinctos, e que o seriam não só no Brazil—sua patria, como em qualquer paiz em que servissem. No grupo formado por estes, o desgosto era latente, era mesmo profundo e inquietador.

E esse desgosto explicava-se: porque, não só emanava da desorganisação que d'elles se avisinhava, obrigando-os a successivos desaires, a transigencias menos correctas, a injustiças em questões de serviço e á revelação de qualidades, que não condiziam com os seus brios, fóros e privilegios de officiaes illustres e serios; como porque os affligia de continuo a relaxação, a tibieza, a defectibilidade e a insufficiencia technica dos elementos, que pairavam nas regiões do poder. Viam-se demais preteridos por officiaes sem prestigio, sem instrucção, sem energia, sem qualidades meritorias, sem nenhum d'estes quesitos que tornam os exercitos fortes, prestimosos e utilitarios. Diante de si, a caducidade dos elementos velhos, excessivamente velhos e impossibilitados, impedia-lhes a regularidade do accesso; a ignorancia, que é sempre ousada e protegida, julgando-se necessaria ao progresso do paiz, occupava quasi todos os logares e cargos superiores; não se exigiam provas serias de aptidão; não se acatavam nem se estabeleciam preceitos concernentes ao limite de edade, que aliás sabiam em vigor em differentes estados, até mesmo no Japão; vivia-se do empenho e da intriga; tergiversava-se nas menores difficuldades; em tudo se negociava, desde a farinha para a confecção do pão do soldado, até á compra do gado da artilheria; e tudo isto, que é muito triste como symptoma, se não é de ordem a desculpar um pronunciamento collectivo, é pelo menos o bastante para minorar a irritação e o mau conceito que, ainda mais do que a revolta, nos possa causar a indifferença e o cynismo, com que o exercito assistiu ao desabar das instituições e á perda d'um homem, que foi sempre generoso, correcto, bom e honrado!...

N'outros tempos ninguem lia nem estudava no exercito brazileiro. Um capitão do matto envergava algures uma farda, e ia ao combate entre selvas levando dragonas de official. Um fazendeiro rico cavalgava um corcel de batalha, e bem ou mal, á força de quebrar as esquinas com a sua gente, (esquerda ou direita rodar) justificava um credito de heroismo!... Ha poucos annos, porém, as instituições militares avançaram um pouco. Começaram a publicar-se jornaes da especialidade, melhorou-se o armamento, cortaram-se alguns abusos, não muitos, as escolas produziram alguns officiaes bons, sobretudo os de engenheria e estado maior, o nivel intellectual augmentou, e este novo estado de coisas, se, por um lado, trouxe ao exercito melhores elementos, por outro mais o prejudicou; porquanto não se havendo feito uma obra de reformação completa, nem se havendo alterado a crença e a opposição nacional, esses elementos aproveitaveis e prestimosos encontraram-se como ludibriados no seio d'uma caterva de maltrapilhos!...

Não se conjugaram por heterogeneos os elementos oppostos, a sciencia com o favor, o direito com a injustiça; e d'ahi o desengano, o esmorecimento, o lucto de alma e a indisciplina, que, tendo fremitos, se despenha e convulsiona. E diga-se aqui uma grande verdade, embora só a comprehenda e sinta bem quem haja tido ensejo de experimental-a: uma desillusão, um desengano acompanhado de injustiça acarreta cruelmente uma grande doença moral. Não póde com ella muitas vezes a consciencia do homem sacrificar-se pelo paiz que ama e aprecia; e essa doença por teimosa, por desvirtuadora, por attentatoria das melhores virtudes sociaes, que se geram e criam em sentimentos de patriotismo; essa doença arranca gritos de alma, fére, esmaga, conturba e arrasta, tornando indisciplinados e ardentes os que mais acatavam os principios, as constituições politicas e as tradições nacionaes!... Assim, se o pronunciamento do exercito brazileiro foi um mal, e um mal gravissimo; elle tem a desculpal-o as tendencias brandas do imperador, a defectibilidade dos governos do imperio sempre propensos a desconsideral-o, a sua mesquinha organisação e a influencia das más crenças populares, certo de que, entre estas causas, a mais nociva, era por sem duvida o desamor e a indifferença com que os partidos monarchicos olhavam os interesses do exercito!... Não se queixem, pois, esses partidos!!...

*

A ordem do exercito n.° 22 do anno corrente, entre outras coisas, insere os regulamentos com que em Portugal se pretende apreciar da aptidão dos officiaes para os postos de general e major. Com applauso os acompanha a nossa opinião, comquanto e de passagem, nos pareça que os themas de manobra a despeito de serem redigidos pelo commando do corpo do estado maior do exercito, tal como deviam ser desde 1884, deixam grande margem ao estudo e meditação dos candidatos; pois, segundo dispõe o § 2.° do artigo 5.°, esses themas ser-lhe-hão fornecidos durante os primeiros oito dias do tirocinio, isto é: podem ser estudados, analysados, discutidos durante um periodo de tempo de 30 a 40 dias pelo menos!... E' muito! E' demasiada a tolerancia ou benevolencia, desde que se considere nas responsabilidades do posto de general, ou desde que se attente serena e conscienciosamente nos deveres concernentes a essa hierarchia, que é a superior do exercito. Em todo o caso, as ordenações a que nos reportamos levam grande vantagem ás praticas estabelecidas, e denotam um progresso apreciavel. Oxalá a obra militar de 1884 permitta sempre e bem a composição dos effectivos necessarios á brigada de instrucção e á exemplificação dos themas, e a brigada como o seu chefe, possam concorrer para o aperfeiçoamento e melhor crença da instrucção militar. Sobretudo o seu chefe, que é um membro obrigado no jury dos exames, muito desejaremos como soldados que possa manter-se acima do vulgar, honrando-se e honrando por sua isenção, imparcialidade e outros attributos, a profissão a que consagrou o sentir de toda a sua dedicação!...

D'esse official general, cuja escolha tem de ser muito reflectida, depende em muito a virtude, o effeito e o valor das ordenações ultimamente decretadas. N'elle reside principalmente o motor do progresso que se deseja, e pelo que, sem desviarmos os olhos da photographia de um—o sr. Caula—que defrontamos sempre á meza do trabalho pelo muito que lhe devemos, fazemos sinceros votos porque o commandante da brigada de instrucção o eguale em virtude e merito, em zelo e conhecimento profissional!...

Dizendo-o assim, parece-nos haver dado todo o peso ao trabalho, que hoje constitue lei do paiz, e não nos afastarmos dos principios a que alludem os nossos pobres livros de sciencia e organisação militar.

Ao menos, e n'este ponto, em que a base é uma só, e portanto um só o sentir, não nos poderão accusar de volubilidade, como ás vezes o fazem injustamente, esquecendo que nos trabalhos de organisação todos os planos diversificam consoante as bases, os fins e os proprios preceitos, que são mudaveis em todos os paizes, em todas as nações e em todos os exercitos do mundo!

30 de novembro.

Xavier Machado.

CARTA DE LISBOA

5 DE DEZEMBRO DE 1889.

O sr. ministro da guerra, o honrado sr. Franzini está agora na berlinda. Ou elle não fosse ministro d'estado, ou elle não fosse um homem de bem. Chegou a este estado o abuso de imprensa! Sobre o que de s. ex.ª tem dito um jornal regenerador, um cavalheiro muito digno e muito illustrado escreve o seguinte:

«Na *Gazeta de Portugal* um amigo *X* do sr. Franzini tem endereçado ao sr. ministro da guerra umas cartas saturadas d'aquelle espirito dissolvente, que é um dos caracteristicos mais frisante de uma indisciplina social, fiada na impunidade, vae por ahi desrespeitando todos e chegará a subverter tudo, se a tempo não fôr enfreiada. N'estas cartas o amigo *X*, com uma auctoridade que ninguem sabe de onde lhe vem, sustenta que o sr. conselheiro Franzini não tem no exercito as condições de prestigio essenciaes ao ministro da guerra, nem serviços militares que se imponham pelo seu valor e importancia. Affirma que o sr. Franzini tem passado na actividade temporaria uma boa parte da sua vida, e que estava na disponibilidade quando foi chamado aos conselhos da corôa. Assegura finalmente que o illustre official, por motivos que tiram o prestigio á elevada posição que hoje occupa, tentára por duas vezes mudar de carreira e abjurar da vida militar, voltando a ella já preterido. Para prova das suas asserções, quer que o sr. ministro da guerra lhe ponha para alli, em ordem á força armada, a sua fé de officio. Não fica, porém, por aqui o illustre amigo de Peniche, por que vae até convidar, ainda que de um modo indirecto, os generaes e os commandantes de corpos a desobedecerem ás ordens do ministro, legalmente investido de tão altas funcções, e a pronunciarem-se contra elle, quando, em cumprimento dos regulamentos militares, tenha de os admoestar por faltas de serviço. Ora o amigo *X*, que se acha com o direito de usar de tanta liberdade, sem vir dizer-nos em que escuda a sua auctoridade, por sem duvida não levará a mal, que um *Y*, que representa uma individualidade perfeitamente obscura, uma verdadeira incognita, ouse dirigir-se-lhe, em breve cavaqueira, sob o assumpto das suas espirituosissimas cartas. Outro sim, esperamos dever-lhe o favor de desculpar a nossa falta de espirito, poupando-nos, em caso de replica, n'este ponto fraquissimo da nossa prosa chã e humilde. Posto isto, começaremos por felicitar o amigo *X*, pela acertadissima escolha que fez do jornal, para a publicação das suas cartas cheias de sensatez e de util critica. Em verdade, só dois jornaes podia ter escolhido para publicar as lucidas cartas. Ou a *Gazeta* do chefio regenerador, coronel honorario de infanteria, que sendo alferes de 1844, só se acha preterido pelos alferes de 1852, não obstante ter ouvido o *crake* das granadas inimigas mais vezes que o numero de dias que medeiam entre estas duas datas, e cuja espada gloriosa tem estado permanentemente ao serviço militar do seu paiz, ou então pelo *Correio da Manhã*, folha tambem regeneradora, cujo redactor principal, estando em condições egualmente prestigiosas—alferes de infanteria de 1857—apenas se acha preterido por alferes de 1873. Esse sim, nunca sahiu da situação de effectividade, nem abjurou da vida militar para tratar dos seus interesses. Reune por isso as circumstancias reclamadas, e já em tempo foi considerado por este amigo X com prestigio bastante para dar ordens e admoestar almirantes e commandantes de navios, encanecidos no arduo serviço permanente do mar e das nossas colonias, onde só tiveram de dividendos as magras sopas que o soldo lhes proporciona. A'manhã entraremos especialmente no assumpto.»

E continua dizendo do illustre homem d'estado verdades que se não contestam.

— Realisou-se no dia 25 do mez passado a audiencia concedida pelo Santo Padre ao embaixador portuguez para entrega das credenciaes. O pessoal da embaixada foi recebido pelo Pontifice na sala do throno e por essa occasião pronunciou o sr. Martens Ferrão o discurso que é do estylo. Sua Santidade respondeu n'um discurso, que pelo tom cordeal e benevolo tem uma lisongeira significação politica. Referiu-se á grande perda soffrida por Portugal pelo fallecimento de el-rei D. Luiz, cujas qualidades como soberano e como filho dilecto da egreja exaltou, lamentando que tão cedo se finasse. Disse mais que no intuito de mostrar a alta consideração em que inalteravelmente era tida pela Santa Sé a nação fidelissima, elle Santo Padre havia feito celebrar exequias solemnes pelo repouso eterno do finado soberano, ás quaes havia assistido e lançado a absolvição; que com jubilo recebia a communicação official da elevação ao throno portuguez de el-rei D. Carlos I, herdeiro de gloriosas tradicções da nação portugueza, que de certo continuaria com as largas faculdades de que era dotado, e que poria ao serviço do seu paiz; e pedindo ao embaixador portuguez que transmittisse a sua magestade os votos de prosperidade pelo seu novo reinado, assegurou-lhe que na Santa Sé encontraria todo o concurso moral que era devido á generosa nação portugueza por tantos titulos notavel na historia do mundo.

Segundo noticias recebidas de Roma, o aspecto do Summo Pontifice é excellente, tendo pronunciado o seu discurso de pé, denotando conservar todo o vigor, e a plena clareza da sua intelligencia privilegiada.

— Na ultima sessão, de que ha noticia, desviou-se completamente a attenção do congresso de Bruxellas de quaesquer assumptos, que não seja o trafico de escravatura. As questões de limitação de dominios, em que se começou a fallar, são assim completamente postas de parte. Confirma isto o que eu já havia dito—de que o congresso apenas trata da questão de escravatura.

— O *Jornal do Commercio* faz reparo de que o ministro de Portugal e os delegados portuguezes não tivessem assistido a um jantar da côrte em Bruxellas. O unico motivo da ausencia dos nossos representantes no banquete foi o luto nacional, que não lhes permittia assistirem a uma festa d'aquella ordem. Fica assim explicado um facto, que podia originar commentarios azedos, e que tem a mais simples e a mais correcta razão de ser.

— Sua magestade el-rei mandou,

como de costume, um dos seus camaristas á legação do Brazil no 2 do corrente apresentar as suas felicitações por motivo do anniversario natalicio de sua magestade o imperador D. Pedro.

— Continuam a chegar do estrangeiro pessoas notaveis que veem umas cumprimentar o Imperador do Brazil, outras, na qualidade de correspondentes de jornaes, para dizerem a quem aqui os enviou o que se passou no acto da sua chegada.

Para sua magestade existem já no correio grande quantidade de cartas dirigidas ao Imperador de differentes paizes. Parece porém que o Imperador só chega ao Tejo ámanhã. Passa já de 40 os reporters chegados do estrangeiro. Alguns fretaram um vapor para irem fóra esperar o *Alagôas*. Cavalheiros ha aqui vindos do estrangeiro que trazem cartas para o Imperador e para o conde d'Eu. O *Alagôas* receberá aqui carga para o Rio de Janeiro, e vem consignado á firma Rnnowes & C.ª

O ministro brazileiro vae fóra da barra no vapor que fretou esperar o Imperador levando içada a bandeira do imperio.

— Organisou-se em Lisboa uma companhia de lanificios portugueza, com o fim de fiar, torcer e vender materias textis, converter fio em redes de pesca, etc. Capital de 50 contos em acções de 100$000 réis. São socios fundadores os srs. Augusto Correia de Pinho, Francisco Gonçalves da Silva, Guilherme Amancio Alves, Carlos de Carvalho Dias e Manuel Luiz Fernandes.

— Consta que foi proposta ao governo por alguns negociantes e capitalistas a organisação de uma Companhia que explore os territorios do Zumbo, Manica, Tete e outros pontos da provincia de Moçambique, sendo o seu capital de 9.000:000$000.

— Os agricultores de S. Thomé, srs. Jeronymo José Carneiro e Francisco Monteiro, resolveram formar, com o capital de 1:000 contos, uma Companhia para a construcção de uma linha ferrea e melhoramentos do porto de S. Thomé, para o que desejam que o governo lhes assegure um juro.

— Noticias do Algarve dizem que se reanimou alli a pesca, que ha muito escaceiava, pondo em difficuldades não só a numerosa classe pescatoria, como os muitos operarios que vivem do trabalho que aquella industria proporciona, na preparação das conservas.

— Por occasião da exposição foram de Lisboa a Pariz com bilhetes de ida e volta, em 1.ª classe 2:080 pessoas, 706 em 2.ª e 82 em 3.ª.

— A commissão de remonta comprou na Gollegã 58 muares, 86 cavallos para cavallaria e artilheria, 50 poldros para o potril militar e 100 para o deposito da remonta em Villa Viçosa, no que se empregaram cerca de 36:000$000 reis.

— Diz-se que vae ser exonerado do logar de 2.º commandante da 4.ª divisão militar o sr. general Botelho da Cunha. Ouvi que este official dirigira uma carta pouco respeitosa ao director geral do ministerio da guerra, a proposito da sua transferencia da 2.ª divisão para a 4.ª.

— Foi na segunda-feira novamente despachado na alfandega o objecto d'arte que as senhoras de Paris offereceram a sua alteza real a princeza D. Amelia d'Orleans, hoje rainha de Portugal, por occasião do seu casamento. Como se sabe, sua magestade enviara-o á exposição de Paris. Esse objecto é de prata massiça e pesa 42 kilos.

— Partiu para Vianna do Castello o sr. Manuel Affonso de Espergueira.

— Tambem partiu para a Borralha o sr. Fernando Caldeira.

— Teem apparecido em Carnaxide cães damnados, mordendo cabras, ovelhas, gangos, cães e investindo tambem com alguns individuos. Varias pessoas armadas andam em perseguição d'esses animaes raivosos. Os moradores pediram providencias. Os cães atacados de hydrophobia mataram alguns gangos e ovelhas, pertencentes ao sr. visconde de Moreira de Rey.

— Na manhã de quarta-feira, o sr. dr. Andrade Ribeiro, juiz do 2.º tricto, e o sr. delegado dr. Moncada, foram a casa do sr. conselheiro Pereira Carrilho levantar auto de corpo de delicto. Foram peritos no exame os distinctos clinicos srs. drs. Agostinho Lucio da Silva, medico assistente, e Alfredo Costa, por quem foram ministrados os primeiros soccorros ao ferido, no hospital de S. José. Consta que suas ex.as declararam que pelas complicações que sobrevieram, reputavam o doente em estado grave; que seria necessario tratamento por mais de 20 dias; e que as feridas foram feitas com instrumento contundente. O sr. Carrilho foi hontem novamente operado.

— O notavel maestro Laurent Luigini offereceu a S. M. el-rei D. Carlos uma marcha triunfal intitulada *Royal Bragance*, e cujo autographo se recebeu já em Lisboa, envolto em setim branco bordado a matiz e encerrado em estojo de velludo. Diz-se que é um trabalho magistral.

— Foram dadas as ordens necessarias para começarem os trabalhos de ornamentação da sala da camara dos deputados, para a solemnidade da acclamação do novo rei, que, como já disse, deve realisar-se a 28 do corrente.

— Alguns dos jornalistas francezes, que actualmente se acham em Lisboa, e entre outros o nosso confrade Mr. Jules Cardon, do *Soleil*, ficam n'esta cidade até ao fim do mez, a fim de assistir ás festas da acclamação.

— Espera-se que venha muitissima gente da provincia presenciar as festas. Em alguns hoteis já estão quartos encommendados. Como se sabe, as companhias dos caminhos de ferro estabelecem bilhetes a preços reduzidos.

— Foi transferida de 25 para 27 de janeiro a adjudicação das empreitadas para construcção de tres lanços da nova estrada de circumvalação da cidade do Porto.

— Entre as pessoas chegadas a Lisboa está o deputado inglez Altelley que veio de proposito para visitar o imperador. O illustre recem-chegado esteve no Brazil 20 annos.

— Segundo diz a *Independencia Belga*, foram presos dois altos funccionarios empregados no arsenal de Woolwich (Inglaterra), accusados do crime de violação de segredo pertencente ao estado, e de terem descoberto a um industrial a formula de fabricar polvora sem fumo, guardada no ministerio da guerra.

— A barca portugueza *Fortuna*, pertencente ao sr. Andresen, do Porto, sahida a 2 d'outubro de Mabile, Estados-Unidos, com destino ao Porto, arribou no sabbado a Lagos, com o capitão quasi cego, tendo morrido o piloto e dois marinheiros durante a viagem. O rebocador *Conductor*, sahiu ante-hotem de Lisboa para rebocar aquella barca, mas estando mau tempo não a pôde trazer, regressando o *Conductor* ao Tejo. Vai para alli ámanhã outra vez, por ter melhorado o tempo.

— Morreu o sr. Antonio Barbosa Ribeiro dos Santos, escrivão de direito em Faro.

Y.

CARTA DE FOZCOA

5 DE DEZEMBRO DE 1889.

Já em tempos louvámos a pontualidade que as instrucções de 27 de dezembro de 1888 trouxeram ao pagamento dos vencimentos da classe do professorado, até ahi tão esquecida pelos poderes publicos. Não podemos hoje deixar de renovar esses louvores, pois que assim o exige o modo como é feito o serviço e a promptidão que sempre preside á expedição da ordem para passagem do precatorio que deve levantar da caixa geral dos depositos a quantia necessaria para o pagamento dos vencimentos e em seguida o breve aviamento no cumprimento d'esse precatorio. O professorado primario d'este concelho achava-se em divida dos ordenados dos mezes d'outubro, novembro e dezembro do anno preterito, da gratificação de frequencia durante o anno e dita dos exames elementares. Não tardou, porém, que, apenas expedidas da camara as folhas respeitantes aos mezes em divida, não viesse auctorisado o levantamento do precatorio para pagamento dos vencimentos designados nas mesmas folhas.

A demora que ha no pagamento, medeia da data da remessa das folhas para o governo civil, d'este para Lisboa e d'aqui logo pelo mesmo caminho para o seu destino. São, pois, infundados os clamores que ás vezes surgem na imprensa contra a morozidade no pagamento dos vencimentos. Não têem, pelo menos, razão de queixa os professores d'este concelho, que estão pagos em dia. Se alguns d'elles não merecem esta sollicitude que o Estado emprega para lhes pagar de prompto os seus salarios, outros ha, sollicitos e verdadeiros apostolos do ensino e educação ás creanças, que compensam admiravelmente esse trabalho. Infelizmente, são poucos os que no concelho de Fozcôa se podem considerar verdadeiros professores. Os ultimos exames provaram á evidencia esta nossa asserção. Oxalá que de futuro, se compenetrem de seus deveres, apresentando a exame alumnos que satisfaçam ao programma.

— Que azafama ahi vae na intimação das testemunhas que hão-de depôr no dia 7! Que pressa na expedição da deprecada para remoção do assassino, das cadeias da Relação do Porto para as d'esta villa? Que demora, porém, e que contraste na ultimação do traslado do aggravo da parte e da sua entrada na Relação do districto! Quando terminaram os tres dias para esse trabalho do escrivão? Não seria em 30 do mez passado? Não deveria já ter respondido o advogado do réu que só tem 24 horas? Qual a rasão de similhante demora e procedimento? Onde está a justiça que não apparece? Porque rasão não se fustiga um procedimento d'um escrivão de direito d'esta ordem? Pedimos providencias.

— Chegaram á freguezia de Villarouco concelho da Pesqueira, dois missionarios evangelicos, com o fim de prégarem os dogmas da Religião aos povos d'aquellas paragens, que desde a sahida do revd.º abbade d'esta freguezia, e com as ideias de uns homens vindos do Brazil, se têem desviado do caminho religioso. Vae assistir ás prédicas o revd.º arcebispo de Larissa, que tambem administrará o chrisma.

— Parte brevemente para o Porto o sr. Francisco Antonio Ferreira.

— E' no dia 7 do corrente o mercado de Freixo para a compra do gado suino destinado ao consumo de todo o anno. Consta que é grande a carestia, em consequencia de terem sido comprados ao junto para exportação, enorme quantidade de suinos.

— Tem geado bastante estes ultimos dias. Desce já o mercurio nos thermometros e levantam-se as golas dos casacos.

— E' esperado por estes dias o assassino Claudino d'Aguilar. Os advogados do réu e parte chegam no dia 16 do corrente.

— Consta já doze alumnos a nova cadeira d'ensino complementar. Todos vão fugindo ao Trado, que só se lembra de pedir as mensalidades, sem os instruir. Haja vista os ultimos exames.

— A parte accusadora vae requerer no julgamento jury mixto, por não confiar no d'este concelho.

Correspondente.

SECÇÃO AGRICOLA

UM INIMIGO DO CHOUPO

Ha seis ou oito annos que o valle do Sena comprehendido nos districtos de Archis-sur-Aube e Nogent-sur-Seine é invadido por milhares de um pequeno insecto alado que vem fazer a postura na parenchyma das folhas do choupo da Virginia, uma riqueza agricola d'este paiz e que gosa de uma grande reputação industrial em Paris.

A larva transforma-se em nympha e quando chega a borboleta no fim do verão, as ligões aereas são de tal modo numerosas e compactas que a vida humana se torna difficil, a ponto de ao cahir da tarde ser-se obrigado a entrar logo em casa e a cerrar as portas por precaução.

Mais de um amigo do campo abandonou estes logares e transferiu para outra parte os penates, não querendo renovar ás suas custas a fabula do *leão e do mosquito*.

Desejando nós conhecer melhor este microlepidoptero e apresental-o com o seu estado civil, pedimos conselho a um entomologo distincto o sr. Jourdheuille, nosso collega na Sociedade academica do Aube que nos deu a tal respeito a resposta que segue:

Trata-se o genero *Lithocolletis* especie *populifoliella*.

«Os *Lithocolletis* pertence á cathegoria das *minadoras*, quer dizer, áquellas cujas larvas construem galerias na espessura das folhas e introduzindo-se entre as membranas que constituem a suprficie superior e inferior das folhas, vivem á custa da substancia verde mais ou menos espessa que separa estas duas membranas ou parenchyma, estabelecendo alli domicilio. Nem todas as *minadoras* trabalham da mesma fórma; cada genero trabalha d'um modo absolutamente differente e os olhos exercitados dos especialistas reconhecem á primeira inspecção a que genero pertence o insecto cuja presença ou passagem examina, como vendo um ninho se sabe a ave que o fez.

Se se vê n'uma folha uma especie de vereda muito estreita (1 a 2 millimetros) indo da direita para a esquerda, mais ou menos tortuosa, serpenteando, á maneira de certas aléas dos jardins muito pretenciosamente inglezas e se esta vereda possue no centro uma linha contínua negra, o insecto que a produziu é um *Nepticula*.

Se, ao contrario, encontramos n'uma folha uma ou muitas machas redondas de côr negra sem levantamento sensivel da epiderme, quem produziu provavelmente estas manchas foi um *Cemiostoma*. As pereiras são muito atacadas por este insecto.

Se, emfim, no caso de que tratamos, vemos n'uma folha uma mancha mais ou menos amarella marmoreada, formando uma leve empola de fórma oval; se, voltando-a, vemos que a epiderme inferior está um pouco levantada na parte correspondente á macha e de um verde uniforme mais desbotado que o resto da folha, podemos adquirir a certeza de estarmos contemplando a habitação de um *Lithecolletis*. A natureza, que adoptou os orgãos e a fórma da toupeira ao genero de vida que é destinada a levar não deixou de dotar da mesma fórma a pequena larva, adaptando-a aos locaes que tem de habitar. Por isso o animal não sendo destinado a correr, não tem necessidades de patas e por tanto os membros destinados á locomoção são excessivamente curtos, a cabeça é ponteaguda, achatada, construida para atravessar facilmente duas superficies justapostas. Um verme para o profano, uma verdadeira larva para o especialista. Com effeito este *soi-disant* verme chrysalidar-se-ha em alguns dias em um recanto da sua habitação depois de se ter envolvido em um casulo de seda; depois, chegada a época da metamorphose, esta chrysalida, por um movimento especial avançará pouco a pouco, trespassará primeiro o casulo, depois a face inferior da folha e, livre dos involucros que a protegiam, tornada borboleta, com a cabeça coberta com uma especie de poupa ou topete caracteristico da sua raça, o animal lança-se nos ares algumas vezes revestido de purpura e oiro, egualando pelas suas côres vivas os mais bellos lepidopteros dos tropicos. Sómente é uma maravilha de 7 a 8 millimetros de envergadura, e n'este mundo para attrahir a attenção geral é preciso ser-se grande...

Todas as especies que compoem este grupo—e conta-se uma centena na Europa—não são tão ricamente vestidas. Cinco vivem exclusivamente nas folhas dos choupos, mesmo no *Populus alba*, e todas cinco teem coloridos modestos. São brancas com manchas pardas mais ou menos intensas. Uma d'ellas--a especie que faz ao presente o desespero dos habitantes das margens do Sena—recebeu o nome de *populifoliella*.

Todas as *Lithocolletides* produzem duas gerações que apparecem na estação do bom tempo. A *populifoliella*, que não faz excepção á regra geral, voa primeiro em maio e depois em julho. Logo após o nascimento, a larva introduz-se na folha e começa o seu trabalho que dura até se transformar em chrysaliada. Se ella provém da geração primaveral soffre todas as transformações na folha, que conserva durante toda a sua evolução na arvore, sem que pareça soffrer com a presença do hospede que abriga. Se pelo contrario provém de borboleta nascida em julho, ella chrysalida-se antes do inverno, arrastada na quéda da folha, onde fica dissimulada, não sentindo nem a chuva nem a neve, nem as geadas mais intensas. O sol de maio é que a desperta e a faz sahir insecto perfeito.

Deve-se classificar o *Lithocolletis populifoliella* como insecto destruidor? Não creio que o choupo possa succumbir sob a sua acção tyrannica; é porém um insecto desagradavel que póde desapparecer tão subitamente como subitamente fez o seu apparecimento».

Como se vê do que deixamos transcripto é um flagello mais ou menos passageiro; mas antes que a natureza restabeleça de por si o equilibrio despedaçado, as plantações do choupos, soffrem nos seus orgãos vitaes, e as populaçoes que habitam as margens do Sena de Rilly-Sainte-Syre até Remilly-sur-Seine, no Aube, e arredores de Mercilly-sur-Seine, no Marne, não têem o socego e bem-estar que lhes é indispensavel e os rebanhos de carneiros perderam um sustento substancial, a folha do choupo, que lhes era facultada com uma generosidade tanto maior quanto ella era abundante e não custava nada.

Paris.

Charles Baltet.

SECÇÃO LITTERARIA

MARTYR DO AMOR

I

E quando me lembro da aldeia ao fim da estrada de macadam, d'onde se levantam, a cada sopro de vento, pequenas nuvens de poeira, as balsas verdejantes, as cearas que se agitam cortando a mysteriosa linha do horisonte, e dando á paisagem como que a ondulação calma do mar, depois que os muros de terra, secca, coroada d'iris em flor, os telhados como que incendiados pela fulguração do sol, os vôos dos pombos borboleteando no azul do firmamento, as cerejeiras, cujas hastes pendem como que sob o peso d'avalanches de neve, e a rua obstruida por montões de estrume, onde as juntas de bois passam lentamente, onde as gallinhas procuram, entre as pedras, e perseguem alguma borboleta aventurosa,—quando me lembro d'essa paisagem traquilla, deante da qual a gente experimenta como que uma necessidade de repouso, como que uma frouxidão de nervos, e não sei que desejo profundo d'alli viver sempre, penso com grandes impetos de colera, na pobresita de Annyl, aquella creança tão meiga, tão bonita, que elles mataram —os malvados!...

Os ditos começaram uma manhã no poço largo,—onde as raparigas vão encher as suas bilhas e tagarellam familiarmente emquanto os baldes se esgotam, com um palavriado claro.

A Antonia, uma bisbilheteira capaz de intrigar até os doze apostolos, tendo attrahido o bando por certas palavras hesitantes, uma historia de amor, interrrompidas ás primeiras phrases, d'uma forma descarada, apresentando a pequena que concertava meias á sua porta.

—Vejam aquella Annyl que se dá ares de Santa! Até faz dó ver coisas similhantes. Puxa a agulha Margot, puxa a agulha, baixa os olhos, córa quando os rapazes te chamam, isso não impede que te pilhem depressa na congregação. Se eu contasse sómente...

—Ninguem te acreditaria, Antonia! interromperam as outras com sorrisos de mofa.

—Preversa! bradou Maria Fresquont.

Antonia, encolhendo os hombros, accrescentou:

—Visto que vocês fazem tantas devoções no altar d'essa donzella, guardarei para mim todos os segredos.

E pagou na bilha e pol-a d'um gesto brusco sobre os espessos cabellos.

—Vivam, raparigas! disse ella com a cara negligentemente desviada do bando; e quando fallarem com Annyl, perguntem-lhe como está o Tistet de Villevote, e se a herva do bosque estava muito fresca na noite da festa!

No dia seguinte os remoques de Antonia foram chocalhados de casa em casa. Como! Pois Annyl, a herdeira dos Peyramale, tão innocente, tão timida, pecado antes mesmo dos 20 annos!

Ella expunha-se aos namorados; a innocente. E que namorados!

Um pobretão, que não tinha onde crhir morto, vagabundeando os doze mezes do anno pelo campo para exercer o seu mister de «morre á tome!»

E condimentavam já de crueis pormenores a primeira historia.

Os amantes viam-se todas as noites.

Ella definhava-se com saudades do Tistet, durante as longas horas do dia em que elle não podia contemplal-a e apertal-a nos seus braços possantes.

Era assim que, sem treguas discorriam os malevolos parochiannos da aldeia, como cães impertinentes que uivam ás estrellas, no silencio melancolico do luar.

A herdeira dos Pyramale merecia acaso esses implacaveis insultos? Teria ella effectivamente conhecido a mysteriosa agitação, a alegria delirante em que sonham doentiamente as raparigas por estas noites pesadas de agosto, em que o somno não lhes consegue cerrar as palpebras?

Pobresita! ella ignorava quasi o que isso era. Brilhava na pureza da sua virgindade santa como a flor de liz que se abre ao depontar da aurora.

Amava, todavia, com uma singeleza rude, amava Tistet, esse rapaz vestido de uma pelle de cabra, em farrapos, que mendigava um pedaço de pão e um cantinho na granja, para dormir, quando o trabalho não corria bem.

Amava-o, porque elle era um pobre desherdado, porque elle era só n'este mundo a arrastar o pesado fardo da vida.

Compadeceu-se d'elle em primeiro logar, e esta compaixão degenerou pouco a pouco n'um amor sincero.

Depois os olhos do caçador de toupeiras brilhavam tão meigamente, a sua voz tinha harmonias tão suaves... Annyl amava Tistet, o caçador de toupeiras.

E na noite da festa,—a Antonia não tinha mentido de todo—no louco tumulto dos bailaricos, os dois jovens, haviam-se escapado para sitio escuro, de mãos dadas.

Tistet tinha-a implorado com tão bonitos modos, que ella não ousara dizer que não.

E elles tinham divagado ao longo dos caminhos, preoccupados por estarem sós pela primeira vez, occultando-se na sombra tenebrosa das folhagens.

Ella não se atrevia a dizer-lhe palavra. Elle não ousava estreital-a n'um louco abraço.

Voltaram para o bailarico, sem mesmo haverem trocado um d'estes beijos furtivos que se eternisam nos labios como um perfume subtil que nunca se evapora.

II

O outomno chegou e Annyl teve a febre de outubro. Tiritava todo o dia.

O rosto tornou-se-lhe encovado, as pernas fraquejavam-lhe.

Já não tinha força para andar.

Uma manhã não se pôde levantar e ficou estendida como morta, não ouvindo as phrases que lhe segredavam junto do leito, não conhecendo emfim, as pessoas da familia.

— Os sinos tocarão a um baptisado, não tarda, repetiram os visinhos em tom de zombaria.

— Um baptisado!...

— Olha que ingenuidade! O baptisado d'um pequeno Tistet... Pois não sabia ainda que a Annyl está no seu estado interessante?

Os Peyramale, rudes fazendeiros que não pensavam senão nas suas sementeiras, e em vender bem os saccos dos seus legumes, não haviam feito caso até então das malevolas calumnias que, de pela manhã á noite, lhes zumbiam por toda a parte aos ouvidos.

Sua filha não lhes sahia debaixo das vistas e mesmo nas noites de festa, era das primeiras a entrar em casa.

— Sabe o que mais, todas as más raparigas sejam como a nossa filha, respondiam elles a todos.

Mas esta cantiga tanto se repetiu, que os Peyramale acabaram por se convencer que eram verdadeiros os boatos que circulavam a respeito de sua filha. E pensaram: Então Annyl não nos tinha enganado? Não tinha representado uma comedia de virtude para nos tornar surdos aos remoques dos outros? Essa doença que a tornava debil e como paralysada no leito, não era o mal vergonhoso de que os amigos a escarneciam?

E furiosamente, crendo emfim em todas aquellas narrativas, cobriram a doente das mais odiosas injurias. Torturavam-n'a.

Obrigavam-n'a a trabalhar, apesar dos seus soffrimentos, e quando ella cedia ao demasiado peso do trabalho, quando ella pedia, soluçante, um pouco de commiseração, quando ella pedia para não acreditarem nos cantos dos visinhos, os velhos repelliam a desgraçada, e gritavam-lhe:

Anda lá!... Tistet te consolará!

A pobre passou por todas as miserias, todos os soffrimentos, todas as vergonhas!

Tristet, julgando que ella o houvesse deixado por outro, tinha-a esquecido e procurava outras aventuras.

Abandonada de todos, farta de soffrer, uma tarde proximo da noite, fugiu de casa resolvida a morrer.

A linha ferrea ficava pouco distante. Annyl estendeu-se sobre os «rails», esperando a morte com uma impaciencia desesperada e o comboyo triturou-lhe o corpo immaculado.

Aqui está porque quando me lembro da aldeia, ao fim da estrada de macadame, quando me lembro d'essa paisagem tranquilla, deante da qual a gente experimenta como que uma necessidade de repouso, como que uma frouxidão de nervos e não sei que desejo profundo d'ali viver muito tempo, d'ali viver sempre, penso com grandes impetos de colera, na pobresita da Annyl, aquella creança tão meiga, tão bonita que elles mataram— os malvados!...

René Maizeroy.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 2

Carta de sua magestade el-rei D. Carlos I, dirigida ao presidente do conselho de ministros, agradecendo á nação as manifestações de sentimento pelas mortes de el-rei D. Luiz I e infante D. Augusto.

Audiencia dada por sua magestade el-rei ao ministro da Austria, para apresentação das suas credenciaes.

Concessão de differentes mercês honorificas.

Lista do sorteio de 474 obrigações do emprestimo de 4 por cento de 1888.

Diario de 3

Portaria mandando abrir concurso para o provimento da egreja parochial da Branca, no concelho d'Albergaria-a-Velha.

Diario de 4

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Amazonas, no periodo de abril a junho de 1889.

Transferencia para o dia 28 de janeiro do anno proximo futuro, da adjudicação das empreitadas para a construcção dos tres lanços da estrada de circumvalação da cidade do Porto.

21

FOLHETIM

A. D'UMAS, FILHO

A DAMA DAS CAMELIAS

X

— Ah! que diabo estão a fazer ahi? gritou Prudencia, que appareceu no limiar da sala do toucador, sem que nós a presentissemos, com os cabellos soltos, e o vestido desapertado. Adivinhei logo n'aquella desordem a mão lasciva de Gastão, arrebatado pelo vinho.

— Estamos a fallar de cousas sérias, disse Margarida, deixe-nos um instante. Vamos lá já.

— Bem, bem, conversem, meus meninos conversem, accudiu Prudencia, fechando a porta, como para tornar mais significativo o accento com que pronunciára aquellas palavras.

— Está resolvido, concluiu Margarida, quando ficámos sós; não acceito o seu amor.

— Partirei para longe de Paris.

— Então chega a esse ponto a sua paixão? Tinha já avançado muito para recuar; e além d'isso dominava-me profundamente a estranha situação em que me via: essa formosa mulher, mixto de candura e de prostituição; essa mesma doença que devia desenvolver n'ella a sensibilidade das impressões como a irritabilidade dos nervos, tudo me obrigava a comprehender que, se da primeira vez não exercesse o imperio da minha vontade sobre essa natureza mudavel e caprichosa, perdia para sempre o mais intimo sonho da felicidade e do amor.

— Então, é sério o que me diz? perguntou ella.

— Muito sério.

— Mas porque não m'o disse ha mais tempo?

— Ha mais tempo? quando?

— Ora! depois de me ser apresentado no theatro da Opera-Comica.

— Julguei que me receberia mal, se viesse visital-a.

— Porquê?

— Porque fui estupido e ridiculo u'essa noite.

— E' isso, é verdade. Mas, já então estava apaixonado por mim?

— Decerto.

— O que não obstou a que fosse deitar-se e dormir tranquillamente, depois do espectaculo. Nós já sabemos o que são essas grandes paixões.

— Pois engana-se. Sabe o que eu fiz n'essa noite da Opera-Comica?

— Não.

— Esperei-a á porta do Café-Inglez. Segui a carruagem que a conduzia á senhora e a tres amigos seus; e quando a vi descer, e entrar em sua casa sósinha, senti-me feliz.

Margarida riu-se.

— De que se ri?

— De nada.

— Diga-me, peço-lhe, ou então acredito que zomba ainda de mim.

— E não se zanga?

— Com que direito havia de zangar-me?

— Pois tinha um motivo para entrar só em casa.

— Qual era?

— Esperava-me alguem aqui.

Se me desse uma punhalada não me faria tanto mal. Levantei-me, estendi-lhe a mão, e disse-lhe adeus.

— Já sabia que se zangava, acudiu ella, com toda a gravidade. Os homens morrem por descobrir as cousas que mais os affligem.

— Mas creia, minha senhora, affirmei eu friamente, como se quizesse provar-lhe que estava curado da minha paixão para sempre, creia que não me zanguei. Era muito natural que a esperasse alguem em sua casa, como é natural que eu me vá embora ás tres horas da manhã.

— Espera-o alguem em sua casa?

— Não, mas quero-me ir embora.

— Então, adeus.

— Despede-me?

— De modo nenhum.

— Mas para que me atormenta?

— Não sei em quê.

— Não me disse ainda agora, que esperava alguem por si, n'essa noite em que eu vim atraz da sua carruagem, desde o Café-Inglez?

— Não pude deixar de me rir com a ideia de que tinha sido feliz, por me ver entrar só em casa, quando havia uma excellente razão para isso.

— Olhe, Margarida, a gente ás vezes é feliz por um motivo pueril, e é sempre mau destruir o sonho da felicidade, quando, deixando-o intacto, se póde tornar ainda mais feliz a alma que o sente.

— Mas a quem julga o senhor que falla? Eu não sou nenhuma virgem, nem sou nenhuma duqueza. Conheço-o apenas desde hoje, e não tenho obrigação de lhe dar contas das minhas acções. Suppondo que um dia podesse acceitar o seu amor, certamente que não teria a louca presumpção de lhe occultar os outros amantes que o precederam durante a minha vida. Se já faz scenas de ciumes agora, o que me fará depois, se esse depois vier algum dia! Nunca vi um homem assim.

— E' que ninguem a amou ainda, como eu a amo.

— Francamente, ama-me tanto?

— Tanto quanto é possivel amar.

— E ha muito tempo?

— Desde um dia em que a vi descer de um caleche, e entrar na loja de modas de *Susse;* ha tres annos.

— E' delicioso, é admiravel! E que hei-de eu fazer para lhe pagar tão extraordinario amor?

— Amar-me, ainda que seja pouco, disse eu, sentindo o coração angustiado, sem poder fallar; porque, apesar dos sorrisos de meia-ironia com que ella acompanhára toda esta conversação, parecia-me que Margarida partilhava já da minha paixão intima, e que me aproximava da hora, ha tanto tempo esperada.

— E o duque?

— Que duque?

— O meu velho ciumento.

— Não sabe nada.

— E se o souber?

— Perdôa-lhe.

— Ah! não, não; abandona-me; e depois que será de mim?

— Mas já se tem arriscado a esse abandono, por causa d'outro.

— Como sabe isso?

— Não mandou recommendar ainda agora ao seu porteiro, que não deixasse entrar ninguem, esta noite?

— E' verdade; mas o duque é muito meu amigo.

— De quem pouco se importa, pois que lhe probibe tambem a entrada em sua casa, quando lhe parece que póde vir incommodal-a.

— E estranha que o faça, sendo obrigada, como fui, a commetter essa inconveniencia, por causa de si mesmo, e do seu companheiro? Por bem fazer, mal haver.

Tinha-me approximado de Margarida, pouco a pouco; cingira-a brandamente pela cintura, e sentia o seu corpo flexivel pezar-me languidamente sobre o peito.

— Se soubesses como eu te amo? murmurava eu n'um suspiro, roçando com os labios no seu cabello perfumado.

— Muito?

— Juro-te.

— Pois bem; se me promettes fazer-me todas as vontades, sem dizer uma palavra, sem te queixares, sem me reprehenderes, talvez te ame tambem.

— Tudo o que tu quizeres, filha.

— Mas previno-te d'uma cousa, ouves? Eu quero ser livre, e fazer tudo o que me parecer, sem te dar satisfação da minha vida. Ha muito tempo que desejo um amante assim como tu, novo, apaixonado, sem desconfianças, sem caprichos, sem vontade differente da minha, percebes? Nunca o pude encontrar, porque os homens, em vez de ficarem satisfeitos com o que se lhes dá espontaneamente, e que elles nem imaginavam obter uma só vez na sua vida, começam logo a pedir á sua amante contas do seu passado, do seu presente, e até do seu futuro. A' medida que se habituam á mulher, que desejavam, tratam logo de a dominar; e tornam-se tanto mais exigêntes, quanto se lhes dá tudo o que elles querem. Se me resolvo a tomar um novo amante, é porque julgo que elle terá tres qualidades bem raras: confiança, condescendencia, e discrição.

— Hei de ter todas essas qualidades.

— Veremos.

— Quando, Margarida?

— Mais tarde.

— Porquê?

— Porque, disse ella, soltando-se dos meus braços, e tirando uma camelia vermelha d'um grande ramo, que resplandecia viçosamente n'uma jarra de porcelana da India, porque não se podem sempre executar os tratados no dia em que se assignam. E metteu a rosa na casa do meu fraque.

Era facil de comprehender.

— E quando te tornarei a ver? disse eu, apertando-a nos meus braços.

— Quando essa camelia mudar de côr.

— E quando mudará ella de côr?

— Amanhã, das onze horas á meia noite. Está contente?

— Ainda m'o perguntas?

— Não digas uma palavra de tudo isto ao teu amigo, nem a Prudencia, nem a ninguem, ouviste?

— Não digo nada não; fica descançada.

— Agora, abraça-me, e vamos para a sala de jantar.

E offerecendo-me os labios, alisou de novo o cabello; saímos, ella cantando, e eu louco de felicidade.

No meio do salão, disse-me ao ouvido, parando:

— Deve-te parecer extraordinario que eu ceda assim tão depressa aos teus desejos; sabes porquê? É porque, acrescentou ella, n'um suspiro, apertando-me muito a mão, e chegando-a ao peito para que eu sentisse as palpitações violentas e repetidas do seu coração, é porque tendo de viver menos tempo que as outras, quero abreviar ainda mais a vida.

— Não me falles assim, supplico-te.

— Oh! não te affijas, continuou ella, rindo-se. Por pouco tempo que me reste a viver, sempre hei de viver mais do que o teu amor.

E entrou, cantando, na sala de jantar.

— Onde está a Nanine? disse ella, vendo Gastão e Prudencia sós.

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

6 DE DEZEMBRO DE 1889.

O assumpto mais palpitante da occasião é a chegada proxima do *Alagoas*, que conduz a familia real brazileira. Na hora em que escrevo deve estar já a poucas milhas do Tejo o homem que a Europa venera pelas suas relevantes qualidades, e cujo immerecido infortunio todos respeitam. A sua chegada deve ser um acontecimento, porque todos se preparam para saudar o monarcha que soube sel-o como poucos. Sua magestade deve desembarcar no Arsenal de Marinha, onde tudo se prepara para o receber dignamente.

— A Inglaterra continua a perseguir-nos. A questão africana é, para aquelle paiz, o assumpto principal das suas cogitações. Quer que todo o continente negro seja seu e não ha tiral-a d'esse proposito. O *Correio da Noute* publicou hontem um energico artigo ácerca das suas pretensões na Africa portugueza, terminando por estes periodos:

«Na sua nota dirigida a Portugal, reclama-se uma parte das nossas possessões, como se reclama a bolsa ou a vida n'um sitio ermo. Tudo isto, porém, se passa no centro da Europa e em pleno meio-dia da civilisação. Não é nos ermos uem nas encruzilhadas que se forem os prelios diplomaticos. E' no campo do direito, com razões, com argumentos e com titulos, e é isso justamente que Portugal tem pelo seu lado. Tem o direito contra a força. N'outros tempos seria pouco. Agora, porém, não é preciso mais. A nota ingleza de 21 de novembro representa a força, mas a resposta que o ministro portuguez em Londres apresentou hontem ao marquez de Salisbury, representa o direito.»

E' forte, mas é preciso e é justo.

— O sr. presidente do conselho soffreu ante-hontem uma ligeira operação, que o privou d'ir á assignatura regia, e que o detem em casa tres dias o maximo. A operação effectuou-se por meio de electricidade e correu bem, saindo já hoje do leito. Operou o sr. Avellar. Foi o sr. ministro dos estrangeiros quem levou á assignatura a pasta do reino. Este cavalheiro, sr. Barros Gomes, prestou hontem juramento como conselheiro de estado effectivo.

— Continua doente o sr. conselheiro Pereira Carrilho. O agressor está sendo processado, mas supponho que não será julgado no foro militar. Sel-o-ha no civil, e isso lhe será castigo mais efficaz, porque o acto de que aquelle cavalheiro foi victima, não tem explicação, e muito menos pode encontrar atenuante.

— Falleceu hoje o sr. conselheiro Antonio Cardozo Avelino, procurador geral da corôa e fazenda e administrador da casa de Bragança. Victimou-o uma lesão do coração, cujos estragos se agravaram com uma bronchite aguda. O sr. Cardozo Avelino, que sempre militou lealmente no partido regenerador, geriu por algum tempo a pasta das obras-publicas e interinamente a da justiça, e deixou boa memoria dos seus talentos e da integridade do seu caracter. Ultimamente retrahira-se da vida politica, como desgostoso e descrente, mas levára para o seu retrahimento o respeito dos correligionarios e a estima dos adversarios. Uns e outros prestarão sempre homenagem á sua memoria.

— O *Temps*, chegado hontem, diz que um dos factos que mais contribuiu para o triumpho da causa republicana no Rio foi a influencia argentina. A todos que conhecem, embora pouco, a America do Sul, occorre de prompto o seguinte: que nenhuma revolução seria tão opportuna para a politica argentina do que a que trouxe o desthronamento de D. Pedro. Effectivamente, em muitas occasiões, foi assignalada a existencia d'uma alliança ehilo-brazileira, alliança offensiva e defensiva no intuito d'uma acção contra as republicas de La Plata. Ainda ha pouco, os jornaes chegados de Buenos-Ayres davam a noticia de armamentos mais ou menos prematuros, os quaes denotavam que as relações de cordialidade entre os gabinetes de Buenos-Ayres e Santiago eram mais apparentes do que reaes. E' verdade que nas camaras argentinas affectou-se desmentir tal noticia; isto, porém, foi feito de maneira tão pouco satisfatoria, que o jornal que a poz em circulação, continuou a sustentar-lhe a authenticidade. Tal era a situação no sul da America, quando rebentou a revolução que já devia ser presentida pelos propositos sediciosos que Quintino Bocayuva manifestára na sua recente viagem atravez das republicas de La Plata.

— Partiu para a sua casa d'Espinhel, a fim de vizitar uma sua mana que está gravemente doente, o sr. arcebispo de Mytilene. A sua demora será conforme o estado de sua ex.ma mana.

— Regressou hoje a Lisboa o sr. Elvino de Brito, que na Covilhã recebeu as provas da mais elevada consideração que jámais se prestaram alli a um homem publico.

— São boas as noticias que se recebem do notavel explorador o sr. Paiva d'Andrada. O nosso illustre compatriota tem encontrado no terreno que explora valiosos vestigios do dominio directo de Portugal nos mais remotos sertões da Zambezia. Estes serviços feitos ao paiz, principalmente agora, são d'alta importancia e não podem ser esquecidos.

— Não sahiu correcta a noticia que lhe enviei na minha anterior sobre a ponte do Vouga e por isso lh'a envio de novo completamente rectificada. Procedeu-se no ministerio das obras publicas á abertura de propostas para arrematação por empreitada geral da construcção de uma ponte sobre o rio Vouga, no sitio de S. João de Loure, estrada districtal 62, Bandeira á estrada real 45, sendo unico concorrente a Empreza Industrial Portugueza, que se propõe fazel-a pelo preço de réis 83:000$000, mais 15:000$000 réis que a base da licitação que era de réis 68:000$000.

— A Covilhã vae ser concelho autonomo. O *Diario* publicou já o seguinte decreto:

«Havendo a camara municipal do concelho da Covilhã pedido ao governo para se proceder ao censo da população do mesmo concelho, a fim de poder habilitar-se a ser concelho autonomo, nos termos do codigo administrativo vigente: hei por bem determinar que se proceda desde já ao censo da população do referido concelho da Covilhã. O ministro e secretario de estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria, assim o tenha entendido e faça executar. Paço em 28 de novembro de 1889.—REI—*Eduardo José Coelho.*»

— Parece que os individuos nomeados para administradores da companhia de Leixões a Salamanca serão os srs. conde de S. Januario, Corrêa de Barros, José Ventura dos Santos Reis, Eduardo da Silva Machado e Manuel Francisco Macedo.

— Um acto bom. Achando-se hadias de guarda ao real Paço de Belem o capitão de infanteria n.º 1 sr. José Narciso d'Andrade, offereceu-se-lhe, casualmente, ensejo de fallar com o sr. conde de S. Mamede sobre o prematuro fallecimento do capitão de infanteria n.º 5, Leopoldo Augusto Rebello, que deixou nas mais precarias circumstancias a desditosa viuva e cinco filhos—dos quaes o mais velho conta apenas 11 annos. Pouco depois o sympathico titular dava conhecimento do facto a suas magestades, que, immediatamente, estabeleceram a pensão diaria de 600 reis á referida viuva. E' nobilissimo o procedimento de suas magestades e deve, muito especialmente, ter penhorado o exercito.

— O jury para apreciar as provas prestadas pelos concorrentes aos logares de delegados, convocado para hoje ao meio dia, reuniu na secretaria da justiça. Presidente o sr. ministro da justiça; vogaes, os srs. Rodrigues Leal e J. M. d'Andrade, desembargadores da Relação de Lisboa, conselheiro Pedro Augusto de Carvalho e Antonio Candido, ajudantes do procurador geral da corôa, e dr. Oliveira Valle, advogado da capital. Examinadas as provas, procedeu se á classificação dos concorrentes nos seguintes termos: Arthur Agueda, 5 B B; Christovão Cardoso Cabral Coutinho de Albuquerque Barata, 5 B B; Damião Pereira da Silva de Sousa Menezes, 5 B B; Daniel Filippe dos Santos Junior, 5 B B; Elysio Fernandes Ruas, 5 B B; João Magrassó, 5 B B; João Eugenio de Almeida Castello Branco, 5 B B; José Maria d'Abreu Freire, 5 B B; Luiz Maria de Sousa Horta e Costa, 5 B B; Sebastião Maria de Sampaio, 5 B B.

— Parece que os candidatos propostos pelas accumulações que obtiveram numero maior de votos e que por isso serão proclamados pelo tribunal de verificação de poderes, foram os srs. conego Alves Matheus, progressista; general Sanches de Castro, esquerda dynastica; e Luciano Cordeiro, Moraes Carvalho, Dantas Baracho e José Novaes, regeneradores.

— Foram pomposas as exequias mandadas celebrar em Santo Antonio dos Portuguezes, de Roma, pelo sr. conselheiro Mathias de Carvalho, suffragando a alma d'el-rei D. Luiz. Assistiram o sr. Crispi representando o rei Humberto; todo o ministerio, corpo diplomatico, municipalidade e muito povo. A' porta do templo, formou um regimento de infanteria.

— Como sabe já, acha-se constituida uma commissão com o fim de promover a assignatura da representação que vae ser dirigida ao sr. ministro do reino, pedindo que convide a Casa Pia a construir uma praça de touros em Lisboa, ou que conceda á commissão, com a salvaguarda dos interesses da Casa Pia, a respectiva licença para a construir. A esta commissão aggregou-se o sr. José Chrysostomo Velloso da Horta. A representação vae ser posta á assignatura publica no dia 10 do corrente. Sei que a commissão officiou á Casa Pia, perguntando-lhe, cortezmente, qual a sua attitude na questão.

— Está bastante doente a sr.ª duqueza de Palmella.

— Uma commissão de mulheres empregadas no trafego da alfandega foi hontem ao paço pedir a S. M. a rainha protecção para que sejam pagos aos maridos os emolumentos que ha dois annos não recebem. A rainha mandou-as voltar na quarta-feira, dizendo-lhes o camarista que S. M. tem o maior empenho em proteger a sua pretensão.

— Houve hontem assembleia geral da Academia das sciencias. O sr. Thomaz de Carvalho propoz, e foi votada por acclamação, uma mensagem a el-rei D. Carlos, pedindo se digne acceitar a presidencia, em substituição de seu augusto pai.

— Chegaram de Inglaterra para o sr. marquez da Foz tres excellentes cavallos no valor de 3:200$000 reis. São dois cardoes e um castanho e vieram no *Trent* chegado ante-hontem.

— Na manhã de hontem, na travessa do Conde da Ribeira, onde está edificado um pequeno theatro, foi alli encontrado quasi morto, o sr. Joaquim Guilherme Carlos dos Santos, socio d'aquelle theatro. O infeliz havia ingerido uma porção de sal d'azedas. Deixou varias cartas. N'uma dirigida ao commissario da 4.ª divisão, declarava estar farto de viver. Foi levado para o hospital e depois de ter tomado alli um vomitorio, recolheu a sua casa.

— Seguiram viagem para a Africa a bordo do paquete *S. Thomé*, 18 réus condemnados a degredo. A edade dos criminosos regula de 18 a 49 annos, sendo 6 casados, 11 solteiros e 1 viuvo. As penas de degredo variam entre 5 e 28 annos. Os crimes que motivaram taes condemnações foram: furto, 7; roubo, 7; subtracção, 1; offensas corporaes, 1; infanticidio, 1, e envenenamento, 1.

— Foi exonerado de logar de official do governo civil de Beja o sr. Gaspar Falcão Cotta Bourbon Menezes, e nomeado fiscal dos caminhos de ferro.

— Por Cabo Verde foi eleito o sr. João de Souza Machado, o mais antigo parlamentar do nosso tempo, pois que é deputado successivamente ha mais de 24 annos.

— Tambem aqui está, vindo expressamente de França para cumprimentar o imperador, o sr. conde de Barral, redactor da *Revue du monde latin*, de Paris. O illustre recemchegado é brazileiro e homem notavel.

— Chegou telegramma de Barcellos participando que fora alli preso Antonio José de Miranda—o assassino da infeliz Emilia Augusta, contra a qual disparou um tiro de espingarda ferindo-a horrivelmente no rosto e nos olhos. Foi preso ao entrar em casa. Deve chegar hoje a Lisboa.

A pobre rapariga continua no hospital n'um estado desesperado.

— Porque terminou o luto pezado pelo fallecimento d'El-Rei D. Luiz, muitas pessoas o aliviaram já.

— Um grupo numeroso dos primeiros carregadores africanos da nossa praça, dirigiu uma petição á esclarecida e zelosa direcção da Mala Real Portugueza, para que os seus vapores sáiam a 21 de cada mez, em vez de sahirem como até agora, no dia 15.

— Não é verdade que o sr. conde de Valenças comprasse a propriedade do *Globo* e que tomasse a sua direcção. O *Globo* desmente a versão.

— Para o logar de administrador da casa de Bragança, vago pelo fallecimento do sr. conselheiro Avelino, é nomeado o sr. conde de S. Mamede.

— A procuradoria geral da corôa acaba de dar parecer favoravel para que a questão da Companhia Vinicola seja submettida ao tribunal arbitral.

— Ha já cinco vapores fretados para esperar o *Alagôas* fóra da barra, mas nenhum atracará por lhe ser expressamente prohibido.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICACÕES LITTERARIAS

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA D'OURO

É esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL «SINGER»

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

COMPANIA GENERAL DE TABACOS

DE

FILIPPINAS

DEPOSITO, RUA DO ALECRIM, 20-A

As diversas marcas de charutos d'esta companhia vendem-se nas principaes tabacarias.

LIVERPOOL, BRAZIL & RIVER PLATE MAIL STEAMERS

Cargas do Porto, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Porto Alegre e Pelotas.

COM TRASBORDO EM LISBOA

A frete corrido e conhecimento directo, **em vapores a sahirem quinzenalmente do Porto.**

Para informações dirigir-se aos

Agentes no Porto

A. J. Shore & C.ª

57—Rua dos Inglezes.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

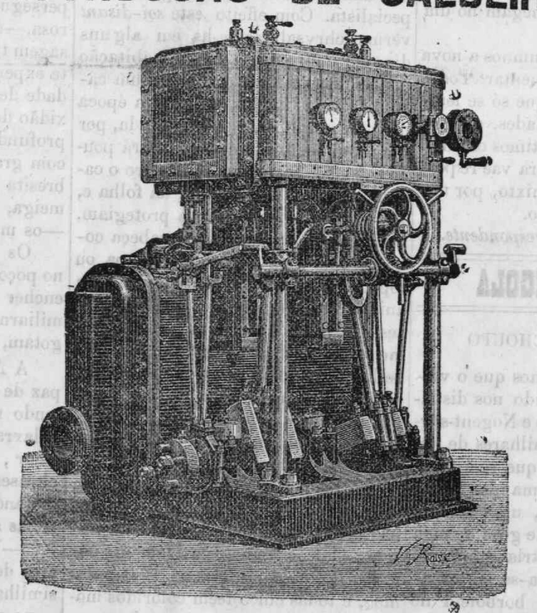
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Viscondeda Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Accita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a *entrega das pequenas* encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

Grande loteria do Natal

EM MADRID NO DIA 23 DE DEZEMBRO DE 1889

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

COM CASA DE CAMBIO EM

LISBOA—Rua do Arsenal, 56 a 64

PORTO — Feira de S. Bento, 33 a 35

Convida o publico da capital, provincias, ilhas e Africa a habilitar-se nos seus estabelecimentos e em casa dos seus correspondentes em todos os pontos do paiz, na

GRANDE LOTERIA DO NATAL

Os principaes premios são:

Primeiro	450:000$000
Segundo.....	360:000$000
Terceiro.....	180:000$000
Quarto.....	135:000$000
Quinto.....	90:000$000

Com mais os seguintes premios:

2 de 45 contos, 3 de 22 contos, 4 de 14 contos, 6 de 9 contos, 10 de 3 contos e quinhentos, 20 de 1 conto setecentos e cincoenta mil réis, 2100 de quatrocentos e vinte e cinco mil réis, 495 centenas de quatrocentos e vinte e cinco mil réis, 4999 reentregos de 85$000 réis e dez approximações 2 de 7:260$000, 2 de 4:620$000, 2 de 2:970$000, 2 de 1:980$000, 2 de 1:155$000 réis.

Total 7:654 premios!!!

PREÇOS

Bilhetes a	105$000 réis
Meios a	52$000 réis
Decimos a	10$500 réis

Fracções de 45$800, 3$000, 2$400, 1$200, 600, 480, 120 e 60 réis; dezenas de 60$000, 48$000, 24$000, 12$000, 6$000, 4$800, 2$400, 1$200 e 600 réis.

Collecções de 50 numeros seguidos de 60$000, 24$000, 12$000, 6$000, e 3$000 réis.

Centenas de 480$000, 240$000, 120$000, 60$000, 48$000, 24$000, 12$000 e 6$000 réis.

Tanto as centenas como as meias centenas pela combinação do plano podem ter grande quantidade de premios, por sorteio, por approximação e por centenas.

VALIOSOS BRINDES em todas as compras de cautelas ou dezenas de 600 réis em diante, quanto maior fôr a compra mais importante é o brinde—como se vê

BRINDE AOS FREGUEZES

cada cautela, dezena, meia centena ou centena tem um numero de ordem, começando no preço de 600 réis até 480$000 réis.

O sorteio do numero feliz é feito no dia 24, em logar publico com a assistencia da auctoridade. Serão immediatamente entregues os brindes em ouro:

PERTENCE

Cautela ou dezena de 600 rs..	100 libras
Cautela ou dezena de 1$200 rs.	200 libras
Cautela ou dezena de 2$400 rs.	300 libras
Cautela, dezena ou meia centena de 3$000 réis.....	350 libras
Cautela ou dezena de 4$800 rs.	400 libras
Dezena, meia centena ou centena de 6$000 réis.....	450 libras
Dezena, meia centena ou centena de 12$000 réis.....	500 libras
Dezena, meia centena ou centena de 30$000 réis.....	550 libras
Dezena, meia centena ou centena de 36$000 réis.....	600 libras
Meia centena ou centena de rs. 60$000.....	650 libras
Meia centena ou centena de rs. 120$000	700 libras
Meia centena ou centena de rs. 240$000	800 libras
Meia centena ou centena de rs. 480$000	1000 libras

O Cambista Antonio Ignacio da Fonseca satisfaz todos os pedidos na volta do correio, em cartas registadas sejam os pedidos grandes ou pequenos, em caso de extravio faz nova remessa.

Envia a todos os compradores a lista.

Acceita em pagamento sellos, vales, letras, ordens, notas, coupons ou qualquer valor de prompta liquidação.

Acceita novos agentes dando boas referencias.

Pede aos srs. directores do correio o não demorarem a expedição dos vales.

Está habilitado a bem servir o publico com um variadissimo sortimento e conta descontar os melhores premios aos seus antigos e modernos freguezes.

Os pedidos devem ser dirigidos ao cambista

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

Lisboa

Endereço telegraphico *Ignacio*— Numero telephonico—92.

BOOTH STEAM SHIP COMPANY

EM COMBINAÇÃO COM

RED CROSS LINE MAIL STEAMERS

AS MAIS ANTIGAS LINHAS DE PAQUETES A VAPOR PARA OS PORTOS DO NORTE E BRAZIL

Do PORTO para o PARÁ e CEARA

DIRECTAMENTE

recebendo tambem carga e passageiros para MANAOS

CARREIRA MENSAL DE PAQUETES A VAPOR

GRANDE RAPIDEZ E ECONOMIA

Para carga e passageiros para os quaes tem magnificas accommodações, ou quaesquer informações trata-se com

os Agentes

A. J. Shore & C.ª

57 — Rua dos Inglezes — PORTO.

GOTTA E RHEUMATISMOS

CURA certa pelo LICOR e pelas PILULAS do Dr Laville

Estes Medicamentos são os unicos Antigottosos analysados e approvados pelo Chefe das Manipulações chimicas da Academia de Medicina de Paris, o Dr OSSIAN HENRY. O LICOR *toma-se para curar os accessos.* — As PILULAS *toma-se durante o estado chronico para impedir novos ataques e obter a cura radical.*

Para premunir-se contra as falsificações, deve-se exigir o SELLO do GOVERNO FRANCEZ e a assignatura

Venda por atacado em PARIS: COMAR, Pharmaceutico, rua St-Claude, 28

DEPOSITOS EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS

Laville
D. M. P.
da Faculdade de Paris.

CONCURSO

A Camara Municipal do Concelho de Mertola, põe a concurso, por espaço de 30 dias, a contar do 2.º annuncio no *Diario do Governo*, os logares de medicos cirurgicos, do primeiro e segundo partido, com o ordenado de 600$000 réis cada um e pulso sugeito á tabella camararia.

Os concorrentes deverão, dentro do indicado praso, apresentar na secretaria da camara, seus requerimentos devidamente documentados.

Camara Municipal de Mertola, 26 de novembro de 1889.

O presidente,
Visconde de Bournes.

MACHO DE TIRO E SELLA

VENDE-SE um excellente macho de tiro e sella, que trabalha em todos os logares, muito manso e de grande força. Quem o pretender pode fallar no escriptorio d'esta redacção que aqui se lhe dirá onde pode ser visto e tratado.

EXCELLENTE EGUA

VENDE-SE uma excellente egua de 7 annos d'edade, castanha escura, de mais de marca, beneficiada do melhor cavallo inglez que esteve na caudelaria d'esta cidade, e já em adiantado estado de gravidez. E' muito sã, trabalha em trem só e acompanhada. Quem a pretender póde fallar no escriptorio d'esta redacção que aqui se lhe dirá onde póde ser vista e tratada.

DOENÇAS DO ESTOMAGO

PASTILHAS e PÓS

PATERSON

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contras Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularizam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.

Adh DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

EDITOS

NA comarca d'Aveiro e cartorio de Callisto correm editos de 30 dias, que começam a contar-se n'aquelle em que se publicar o 2.º e ultimo annuncio, a citar os interessados Antonio Lourenço Forreira Soares ou Antonio Lourenço Ferreira Chaves, casado, ausente em parte incerta do imperio do Brazil, e Julio de Souza Lopes, solteiro, ausente em parte incerta na provincia do Rio Grande do Sul do dito imperio, e ainda Maria da Silva Gomes, casada com Manuel Antonio Lopes Junior, ausente em parte incerta do Ultramar, para todos os termos até final da partilha addiccional que se requer, de quatro predios, no inventario de menores a que se procedeu por obito de Antonio José Lopes e depois tambem por obito de sua mulher Margarida Joaquina de Souza Lopes, moradores que foram na cidade d'Aveiro, e em que é hoje cabeça de casal Maria Carolina Lopes Martins, viuva, da dita cidade.

Aveiro 11 de novembro de 1889.

O escrivão substituto

Gualdino Manuel da Rocha Callisto

Verifiquei a exacção—*A. Cortezão*

LOJA DO POVO

AVEIRO

ACABA de receber um immenso sortido de vidros e cristaes, candieiros de suspensão, cima de meza e parede.

Chaminés electricas, para serem collocadas em locaes circulares; é muito superior a luz a outras chaminés, sem que gaste mais petroleo.

Especialidade em chá e café.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO